

## **Cartas Chilenas, de Tomaz Antonio Gonzaga**

### **Texto proveniente de:**

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística  
<<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **CARTAS CHILENAS Tomáz Antonio Gonzaga**

### **Prólogo**

Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Américas espanholas. Nele se transportava um mancebo, cavalheiro instruído nas humanas letras. Não me foi dificultoso travar, com ele, uma estreita amizade e chegou a confiar-me os manuscritos, que trazia. Entre eles encontrei as Cartas Chilenas, que são um artificioso compêndio das desordens, que fez no seu governo Fanfarrão Minésio, general de Chile. Logo que li estas Cartas, assentei comigo que as devia traduzir na nossa língua, não só porque as julguei merecedoras deste obséquio pela simplicidade do seu estilo, como, também, pelo benefício, que resulta ao público, de se verem satirizadas as insolências deste chefe, para emenda dos mais, que seguem tão vergonhosas pisadas.

Um D. Quixote pode desterrar do mundo as loucuras dos cavaleiros andantes; um Fanfarrão Minésio pode também corrigir a desordem de um governador despótico.

Eu mudei algumas coisas menos interessantes, para as acomodar melhor ao nosso gosto. Peço-te que me desculpes algumas faltas, pois, se és douto, hás-de conhecer a suma dificuldade, que há na tradução em verso. Lê, diverte-te e não queiras fazer juízos temerários sobre a pessoa de Fanfarrão. Há muitos fanfarrões no mundo, e talvez que tu sejas também um deles, etc.

*... Quid rides ? mutato nomine, de te  
Fabula narratur...*

Horat. Sat 1ª, versos e .

### **Dedicatória aos Grandes de Portugal**

Ilmos. e exmos. senhores,

Apenas concebi a idéia de traduzir na nossa língua e de dar ao prelo as Cartas Chilenas, logo assentei comigo que Vv. Exas. haviam-de ser os Mecenas a quem as dedicasse. São Vv. Exas. aqueles de quem os nossos soberanos costumam fiar os governos das nossas conquistas: são por isso aqueles a quem se devem consagrar todos os escritos, que os podem conduzir ao fim de um acertado governo.

Dois são os meios porque nos instruímos: um, quando vemos ações gloriosas, que nos despertam o desejo da imitação; outro, quando vemos ações indignas, que nos excitam o seu aborrecimento. Ambos estes meios são

eficazes: esta a razão porque os teatros, instituídos para a instrução dos cidadãos, umas vezes nos representam a um herói cheio de virtudes, e outras vezes nos representam a um monstro, coberto de horrorosos vícios.

Entendo que Vv. Exas. se desejarão instruir por um e outro modo. Para se instruírem pelo primeiro, têm Vv. Exas. Os louváveis exemplos de seus ilustres progenitores. Para se instruírem pelo segundo, era necessário que eu fosse descobrir o Fanfarrão Minésio, em um reino estranho! Feliz reino e felices grandes que não têm em si um modelo destes!

Peço a Vv. Exas. que recebam e protejam estas cartas. Quando não mereçam a sua proteção pela eloquência com que estão escritas, sempre a merecem pela sã doutrina que respiram e pelo louvável fim com que talvez as escreveu o seu autor Critilo.

Beija as mãos

De Vv. Exas.

O seu menor criado...

### Carta Iª

*Em que se descreve a entrada que fez  
Fanfarrão em Chile.*

Amigo Doroteu, prezado amigo,  
Abre os olhos, boceja, estende os braços  
E limpa, das pestanas carregadas,  
O pegajoso humor, que o sono ajunta.  
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;  
Ergue a cabeça da engomada fronha  
Acorda, se ouvir queres coisas raras.  
"Que coisas, ( tu dirás ), que coisas podes  
Contar que valham tanto, quanto vale  
Dormir a noite fria em mole cama,  
Quando salta a saraiva nos telhados  
E quando o sudoeste e outros ventos  
Movem dos troncos os frondosos ramos?"  
É doce esse descanso, não te nego.  
Também, prezado amigo, também gosto  
De estar amadornado, mal ouvindo  
Das águas despenhadas brando estrondo,  
E vendo, ao mesmo tempo, as vãs quimeras,  
Que então me pintam os ligeiros sonhos.  
Mas, Doroteu, não sintas que te acorde;  
Não falta tempo em que do sono gozes:  
Então verás leões com pés de pato,  
Verás voarem tigres e camelos,  
Verás parirem homens e nadarem  
Os roliços penedos sobre as ondas.  
Porém que têm que ver estes delírios  
Co'os sucessos reais, que vou contar-te?  
Acorda, Doroteu, acorda, acorda;  
Critilo, o teu Critilo é quem te chama.  
Levanta o corpo das macias penas;  
Ouvirás, Doroteu, sucessos novos,  
Estranhos casos, que jamais pintaram  
Na idéia do doente, ou de quem dorme  
Agudas febres, desvairados sonhos  
Não és tu, Doroteu, aquele mesmo  
Que pedes que te diga se e verdade  
O que se conta dos barbados monos  
Que à mesa trazem os fumantes pratos?

Não desejas saber se há grandes peixes,  
Que abraçando os navios com as longas,  
Robustas barbatanas, os suspendem,  
Inda que o vento, que d'alheta sopra,  
Lhes inche os soltos, desrinzados panos ?  
Não queres que te informe dos costumes.  
Dos incultos gentios? Não perguntas  
Se entre eles há nações, que os beiços furam?  
E outras que matam, com piedade falsa,  
Aos pais, que afrouxam ao poder dos anos?  
Pois se queres ouvir notícias velhas  
Dispersas por imensos alfarrábios,  
Escuta a história de um moderno chefe.  
Que acaba de reger a nossa Chile,  
Ilustre imitador a Sancho Pança.  
E quem dissera, amigo, que podia  
Gerar segundo Sancho a nossa Espanha!  
Não penses, Doroteu, que vou contar-te  
Por verdadeira história uma novela  
Da classe das patranhas, que nos contam  
Verbosos navegantes, que já deram  
Ao globo deste mundo volta inteira.  
Uma velha madrasta me persiga,  
Uma mulher zelosa me atormente,  
E tenha um bando de gatunos filhos,  
Que um chavo não me deixem, se este chefe  
Não fez ainda mais do que eu refiro.  
Ora pois, doce amigo, vou pintá-lo  
Da sorte que o topei a vez primeira;  
Nem esta digressão motiva tédio  
Como aquelas que são dos fins alheias,  
Que o gesto, mais o traje nas pessoas  
Faz o mesmo que fazem os letrados  
Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,  
Que dão, do que eles tratam, boa idéia.  
Tem pesado semblante, a cor é baça.  
O corpo de estatura um tanto esbelta  
Feições compridas e olhadura feia,  
Tem grossas sobrelhas, testa curta,  
Nariz direito e grande, fala pouco  
Em rouco, baixo som de mau falsete  
Sem ser velho, já tem cabelo ruço  
E cobre este defeito e fria calva  
À força de polvilho, que lhe deita.  
Ainda me parece que o estou vendo  
No gordo rocinante escarranchado  
As longas calças pelo umbigo atadas,  
Amarelo colete e sobre tudo  
Vestida uma vermelha e justa farda  
De cada bolso da fardeta, pendem  
Listadas pontas de dois brancos lenços;  
Na cabeça vazia se atravessa  
Um chapéu desmarcado, nem sei como  
Sustenta o pobre só do laço o peso.  
Ah ! tu, Catão severo, tu que estranhas  
O rir-se um cônsul moço, que fizeras  
Se em Chile agora entrasses e se visses  
Ser o rei dos peraltas quem governa ?  
Já lá vai, Doroteu, aquela idade  
Em que os próprios mancebos, que subiam

À honra do governo, aos outros davam  
Exemplos de modéstia, até nos trajés.  
Deviam, Doroteu, morrer os povos  
Apenas os maiores imitaram  
Os rostos e os costumes das mulheres  
Seguindo as modas e raspando as barbas.  
Os grandes do país, com gesto humilde  
Lhe fazem, mal o encontram, seu cortejo;  
Ele austero os recebe, só se digna  
Afrouxar do toitiço a mola um nada,  
Ou pôr nas abas do chapéu os dedos.  
Caminha atrás do chefe um tal Robério  
Que entre os criados tem respeito de aio;  
Estatura pequena, largo o rosto,  
Delgadas pernas e pançudo ventre,  
Sobejo de ombros, de pescoço falto;  
Tem de pisorga cores e conserva  
As bufantes bochechas sempre inchadas.  
Bem que já velho seja, inda presume  
De ser aos olhos das madamas grato  
E o demo lhe encaixou que tinha pernas  
Capazes de montar no bom ginete  
Que rincha no Parnaso. Pobre tonto!  
Quem te mete em camisas de onze varas!  
Tu só podes cantar, em coxos versos  
E ao som da má rebeca, com que atroas  
Os feitos do teu amo e os seus despachos.  
Ao lado de Robério, vem Matúsio,  
Que respira do chefe o modo e o gesto.  
É peralta rapaz de tesas gâmbias,  
Tem cabelo castanho e brancas faces,  
Tem um ar de mylord e a todos trata  
Como a inúteis bichinhos; só conversa  
Com o rico rendeiro, ou quem lhe conta  
Das moças do país as frescas praças.  
Dos bolsos da casaca dependura  
As pontas perfumadas dos lencinhos,  
Que é sinal, ou caráter, que distingue  
Aos serventes das casas dos mais homens,  
Assim como as famílias se conhecem  
Por herdados brasões de antigas armas.  
Montado em nédia mula vem um padre  
Que tem de capelão as justas honras.  
Formou-se em Salamanca, é homem sábio.  
Já do mistério do Pilar um dia.  
Um sermão recitou, que foi um pasmo.  
Labregão no feitio e meio idoso.  
Tem olhos encovados, barba tesa,  
Fechadas sobancelhas, rosto fusco,  
Cangalhas no nariz. Ah! quem dissera  
Que num corpo, que tem de nabo a forma,  
Haviam pôr os céus tão grande caco!  
O resto da família é todo o mesmo,  
Escuso de pintá-lo. Tu bem sabes  
Um rifão que nos diz, que dos domingos  
Se tiram muito bem os dias santos.  
Ah! pobre Chile, que desgraça esperas!  
Quanto melhor te fora se sentisses  
As pragas, que no Egito se choraram,  
Do que veres que sobe ao teu governo

Carrancudo casquilho, a quem rodeiam  
Os néscios, os marotos e os peraltas!  
Seguido, pois, dos grandes entra o chefe  
No nosso Santiago junto à noite.  
A casa me recolho e cheio destas  
Tristíssimas imagens, no discurso,  
Mil coisas feias, sem querer, revolvo.  
Por ver se a dor divirto, vou sentar-me  
Na janela da sala e ao ar levanto  
Os olhos já molhados. Céus, que vejo!  
Não vejo estrelas que, serenas, brilhem,  
Nem vejo a lua que prateia os mares:  
Vejo um grande cometa, a quem os doutos  
Caudato apelidaram. Este cobre  
A terra toda co' disforme rabo.  
Aflito o coração no peito bate,  
Erriça-se o cabelo, as pernas tremem.  
O sangue se congela e todo o corpo  
Se cobre de suor. Tal foi o medo.  
Ainda bem o acordo não restauro  
Quando logo me lembra que este dia  
É o dia fatal, em que se entende  
Que andam, no mundo, soltos, os diabos.  
Não rias, Doroteu, dos meus agouros;  
Os antigos romanos foram sábios,  
Tiveram agoureiros: estes mesmos  
Muitas vezes choraram, por tomarem  
Os avisos celestes como acasos.  
Ajuntavam-se os grandes desta terra.  
À noite, em casa do benigno chefe  
Que o governo largou. Aqui, alegres,  
Com ele se entretinham largas horas  
Depostos os melindres da grandeza,  
Fazia a humanidade os seus deveres  
No jogo e na conversa deleitosa.  
A estas horas entra o novo chefe  
Na casa do recreio e, reparando  
Nos membros do congresso, a testa enruga,  
E vira a cara, como quem se enoja.  
Porque os mais, junto dele não se assentem  
Se deixa em pé ficar a noite inteira.  
Não se assenta, civil, da casa o dono  
Não se assenta, que é mais, a ilustre esposa;  
Não se assenta, também, um velho bispo  
E a exemplo destes, o congresso todo.  
Pensavas, Doroteu, que um peito nobre,  
Que teve mestres, que habitou na corte  
Havia praticar ação tão feia  
Na casa respeitável de um fidalgo,  
Distinto pelo cargo que exercia  
E, mais ainda, pelo sangue herdado?  
Pois inda, caro amigo, não sabias  
Quanto pode a tolice e vã soberba.  
Parece, Doroteu, que algumas vezes,  
A sábia natureza se descuida.  
Devera, doce amigo, sim, devera  
Regular os natais conforme os gênios.  
Quem tivesse as virtudes de fidalgo,  
Nascesse de fidalgo e quem tivesse  
Os vícios de vilão, nascesse embora,

Se devesse nascer, de algum laçao,  
Como as pombas, que geram fracas pombas,  
Como os tigres, que geram tigres bravos.  
Ah ! se isto, Doroteu, assim sucede  
Estava o nosso chefe mesmo ao próprio  
Para nascer sultão do Turco Império,  
Metido entre vidraças, reclinado  
Em coxins de veludo e vendo as moças,  
Que de todas as partes o cercavam,  
Coçando-lhe umas, levemente, as pernas  
E as outras abanando-o, com toalhas:  
Só assim, Doroteu, o nosso chefe  
Ficaria de si um tanto pago.  
Chegou-se o dia da funesta posse:  
Mal os grandes se ajuntam, desce a escada  
E, sem mover cabeça, vai meter-se  
Debaixo do lustroso e rico pálio.  
Caminham todos juntos para o templo,  
Um salmo se repete, em doce coro,  
A que ele assiste, desta sorte inchado,  
Entesa mais que nunca o seu pescoço.  
Em ar de minuete o pé concerta  
E arqueia o braco esquerdo sobre a ilharga.  
Eis aqui, Doroteu, o como param  
Os maus comediantes, quando fingem  
As pessoas dos grandes, nos teatros.  
Acabada a função, à casa volta;  
(Os grandes o acompanham, descontentes),  
Co' a mesma pompa com que foi ao templo.  
Tu já viste o ministro carrancudo  
A quem os tristes pretendentes cercam,  
Quando no régio tribunal se apeia,  
Que, bem que humildes em tropel o sigam,  
Não pára, não responde, não corteja ?  
Tu já viste o casquilho, quando sobe  
A casa em que se canta e em que se joga,  
Que deixa à porta as bestas e os lacaios,  
Sem sequer se lembrar que venta e chove?  
Pois assim nos tratou o nosso chefe:  
Mal à porta chegou, de chefe antigo,  
Com ele se recolhe e até ao mesmo  
Luzido, nobre corpo do senado  
Não fala, não corteja, nem despede.  
Da sorte que o laçao a sege arruma  
Por não tomar a rua às outras seges,  
Assim os cidadãos o pálio encostam  
Ao batente da porta e, quais lacaios,  
Na rua, esperam que seu amo desça,  
Ou, a ele ficar, que os mande embora.  
À vista desta ação indigna e feia,  
Todo o congresso se confunde e pasma.  
Sobe às faces de alguns a cor rosada,  
Perdem outros a cor das roxas faces;  
Louva esta o proceder do chefe antigo,  
Aquele o proceder do novo estranha,  
E os que podem vencer do gênio a força  
Aos mais escutam, sem dizer palavra.  
São estes, louco chefe, os são exemplos  
Que, na Europa, te dão os homens grandes?  
Os mesmos reis não honram aos vassallos?

Deixam de ser, por isso, uns bons monarcas?  
Como errado caminhas! O respeito  
Por meio das virtudes se consegue  
E nelas se sustenta. Nunca nasce  
Do susto e do temor, que aos povos metem  
injúrias, descortijos e carrancas.  
Findou-se, Doroteu, a longa história  
Da entrada deste chefe, agora vamos,  
Que e tempo, descansar um breve instante.  
Nas outras contarei, prezado amigo,  
Os fatos, que ele obrou no seu governo,  
Se acaso os justos céus quiserem dar-me.  
Para tanto escrever, papel e tempo.

### Carta 2ª

*Em que se mostra a piedade que Fanfarrão fingiu no princípio do seu governo, para chamar a si todos os negócios.*

As brilhantes estrelas já caíam  
E a vez terceira os galos já cantavam,  
Quando, prezado amigo, punha o selo  
Na volumosa carta, em que te conto  
Do nosso imortal chefe a grande entrada;  
E refletindo, então, ser quase dia,  
A despir-me começo, com tal ânsia,  
Que entendo que inda estava o lacre quente  
Quando eu já, sobre os membros fatigados,  
Cuidadoso, estendia a grossa manta.  
Não cuides, Doroteu, que brandas penas  
Me formam o colchão macio e fofo;  
Não cuides que é de paina a minha fronha  
E que tenho lençóis de fina Holanda,  
Com largas rendas sobre os crespos folhos.  
Custosos pavilhões, dourados leitos  
E colchas matizadas, não se encontram  
Na casa mal provida de um poeta,  
Aonde, há dias que o rapaz que serve  
Nem na suja cozinha acende o fogo.  
Mas, nesta mesma cama, tosca e dura,  
Descanso mais contente, do que dorme  
Aquele, que só põe o seu cuidado  
Em deixar a seus filhos o tesouro  
Que ajunta, Doroteu, com meio avara,  
Furtando ao rico e não pagando ao pobre.  
Aqui. . . mas onde vou, prezado amigo?  
Deixemos episódios, que não servem  
E vamos prosseguindo a nossa história.  
Fui deitar-me ligeiro, como disse,  
E mal estendo nos lençóis o corpo,  
Dou um sopro na vela, os olhos fecho  
E pelos dedos rezo a muitos santos,  
Por ver se chega mais depressa o sono,  
Conselho que me deram sábias velhas  
já, meu bom Doroteu, o sono vinha:  
Umás vezes dormindo, risonava,  
Outras vezes, rezando, inda bulia

Com os devotos beijos, quando sinto  
Passar um carro, que me abala o leito.  
Assustado desperto, os olhos abro  
E, conhecendo a causa que me acorda,  
Um tanto impaciente o corpo viro,  
Fecho os olhos de novo e cruzo os braços  
Para ver se outra vez me torna o sono  
Segunda vez o sono já tornava  
Quando o estrondo percebo de outro carro;  
Outra vez, Doroteu, o corpo volto,  
Outra vez me agasalho, mas que importa?  
Já soam dos soldados grossos berros,  
Já tinem as cadeias dos forçados,  
Já chiam os guindastes, já me atroam  
Os golpes dos machados e martelos  
E, ao pé de tanta bulha, já não posso  
Mais esperança ter de algum sossego.  
Salto fora da cama, acendo a vela,  
À banca vou sentar-me exasperado,  
E, por ver se entretenho as longas horas,  
Aparo a minha pena, o papel dobro  
E com mão, que ainda treme de cansada,  
Não sei, prezado amigo, o que te escrevo.  
Só sei que o que te escrevo são verdades  
E que vêem muito bem ao nosso caso.  
Apenas, Doroteu, o nosso chefe  
As rédeas manejou, do seu governo,  
Fingir-nos intentou que tinha uma alma  
Amante da virtude. Assim foi Nero.  
Governou aos romanos pelas regras  
Da formosa justiça, porém logo  
Trocou o cetro de ouro em mão de ferro.  
Manda, pois, aos ministros lhe dêem listas  
De quantos presos as cadeias guardam,  
Faz a muitos soltar e aos mais alenta  
De vivas, bem fundadas esperanças.  
Estranha ao subalterno, que se arroga  
O poder castigar ao delinqüente  
Com troncos e galés; enfim ordena  
Que aos presos, que em três dias não tiverem  
Assentos declarados, se abram logo  
Em nome dele, chefe, os seus assentos.  
Aquele, Doroteu, que não é santo,  
Mas quer fingir-se santo aos outros homens  
Pratica muito mais, do que pratica  
Quem segue os sãos caminhos da verdade.  
Mal se põe nas igrejas, de joelhos,  
Abre os braços em cruz, a terra beija,  
Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,  
Faz que chora, suspira, fere o peito,  
E executa outras muitas macaquices  
Estando em parte onde o mundo as veja.  
Assim o nosso chefe, que procura  
Mostrar-se compassivo, não descansa  
Com estas poucas obras: passa a dar-nos  
Da sua compaixão maiores provas.  
Tu sabes, Doroteu, qual seja o crime  
Dos soldados, que furtam aos soldados,  
E sabes muito bem que pena incorram  
Aqueles que viciam ouro e prata.

Agora, Doroteu, atende o como  
Castiga o nosso chefe em um sujeito  
Estes graves delitos, que reputa  
Ainda menos do que leves faltas.  
Apanha um militar aos camaradas  
Do solo uma porção. Astuto e destro,  
Para não se sentir o grave furto,  
Mistura nos embrulhos, que lhes deixa,  
Igual quantia de metal diverso.  
Faz-se queixa ao bom chefe deste insulto,  
Sim, faz-se ao chefe queixa, mas de balde,  
Que este Hércules não cinge a grossa pele,  
Nem traz na mão robusta a forte clava,  
Para guerra fazer aos torpes Cacos.  
Já leste, Doroteu, a d. Quixote ?  
Pois eis aqui, amigo, o seu retrato;  
Mas diverso nos fins, que o doido Mancha  
Forceja por vencer os maus gigantes  
Que ao mundo são molestos e este chefe  
Forceja por suster, no seu distrito,  
Aqueles que se mostram mais velhacos.  
Não pune, doce amigo, como deve,  
Das sacrossantas leis a grave ofensa;  
Antes, benigno, manda ao bom Matúcio  
Que do seu ouro próprio se ressarça  
Aos aflitos roubados toda a perda.  
Já viste, Doroteu, igual desordem?  
O dinheiro de um chefe, que a lei guarda,  
Acode aos tristes órfãos e às viúvas;  
Acode aos miseráveis, que padecem  
Em duras, rotas camas e socorre,  
Para que honradas sejam, as donzelas,  
Porém não paga furtos, porque fiquem  
Impunes os culpados, que se devem,  
Para exemplo, punir com mão severa.  
Envia, Doroteu, vizinho chefe  
Ao nosso grande chefe outro soldado  
Por vários crimes convencido e preso.  
Lança-se o tal soldado, de joelhos  
Aos pés do seu herói, suspira e treme,  
Não nega que ferira e que matara,  
Mas pede que lhe valha a mão piedosa  
Que tudo pode, que ele aperta e beija.  
Pergunta-lhe o bom chefe se os seus crimes  
Divulgados estão e o camarada,  
Com semblante já leve, lhe responde  
Que suas graves culpas foram feitas  
Em sítios mui distantes desta praça.  
Então, então o chefe, compassivo  
Manda tirar os ferros dos seus braços  
a-lhe um salvo-conduto, com que possa,  
Contanto que na terra não se saiba,  
fazer impunemente insultos novos.  
Caminha, Doroteu, à força um negro  
Conforme as leis do reino bem julgado.  
Tu sabes, Doroteu, que o próprio Augusto  
Estas fatais sentenças não revoga  
Sem um justo motivo, em que se firme  
o seu perdão a causa. Também sabes  
Que estas mesmas mercês se não concedem

Senão por um decreto, em que se expende  
Que o sábio rei usou, por motu-próprio,  
Do mais alto poder que tem o cetro.  
Agora, Doroteu, atende e pasma:  
Por um simples despacho, manda o chefe  
Que o triste padecente se recolha.  
Assenta: vale tanto, lá na corte,  
Um grande – El-Rei – impresso, quanto vale  
Em Chile, um – Como pede – e o seu garrancho.  
Aonde, louco chefe, aonde corres  
Sem tino e sem conselho? Quem te inspira  
Que remitir as penas é virtude?  
E, ainda a ser virtude, quem te disse  
Que não é das virtudes, que só pode,  
Benigna, exercitar a mão augusta?  
Os chefes, bem que chefes, são vassalos  
E os vassalos não têm poder supremo.  
O mesmo grande Jove, que modera  
O mar, a terra e o céu, não pode tudo,  
Que ao justo só, se estende o seu império.  
O povo, Doroteu, é como as moscas  
Que correm ao lugar, aonde sentem  
O derramado mel, é semelhante  
Aos corvos e aos abutres, que se ajuntam  
Nos ermos, onde fede a carne podre.  
À vista, pois, dos fatos, que executa  
O nosso grande chefe, decisivos  
Da piedade que finge, a louca gente  
De toda a parte corre a ver se encontra  
Algum pequeno alívio à sombra dele.  
Não viste, Doroteu, quando arrebenta  
Ao pé de alguma ermida a fonte santa,  
Que a fama logo corre e todo o povo  
Concebe que ela cura as graves queixas.  
Pois desta sorte entende o néscio vulgo  
Que o nosso general lugar-tenente,  
Em todos os delitos e demandas,  
Pode de absolvição lavar sentenças.  
Não há livre, não há, não há cativo  
Que ao nosso Santiago não concorra.  
Todos buscam ao chefe e todos querem,  
Para serem bem vistos, revestir-se  
Do triste privilégio de mendigos.  
Um as botas descalça, tira as meias  
E põe no duro chão os pés mimosos;  
Outro despe a casaca, mais a veste  
E de vários molambos mal se cobre;  
Este deixa crescer a ruça barba,  
Com palhas de alhos se defuma aquele;  
Qual as pernas emplastra e move o corpo  
Metendo nos sobacos as muletas;  
Qual ao torto pescoço dependura,  
Despido, o braço que só cobre o lenço;  
Uns, com bordão, apalpam o caminho,  
Outros, um grande bando lhe apresentam  
De sujas moças, a quem chamam filhas.  
Já foste, Doroteu, a um convento  
De padres franciscanos, quando chegam  
As horas de jantar ? Passaste, acaso  
Por sítio em que morreu mineiro rico,

Quando da casa sai pomposo enterro?  
Pois eis aqui, amigo, bem pintada  
A porta, mais a rua deste chefe  
Nos dias de audiência. Oh! quem pudera  
Nestes dias meter-se um breve instante,  
A ver o que ali vai na grande sala!  
Escusavas de ler os entremezes  
Em que os sábios poetas introduzem,  
Por interlocutores, chefes asnos.  
Um pede, Doroteu, que lhe dispense  
Casar com uma irmã da sua amásia;  
Pede outro que lhe queime o mau processo,  
Onde esta criminoso, por ter feito  
Cumprir exatamente um seu despacho;  
Diz este que os herdeiros não lhe entregam  
Os bens, que lhe deixou, em testamento,  
Um filho de Noé; aquele ralha  
Contra os mortos, juízes, que lhe deram,  
Por empenhos e peitas, a sentença  
Em que toda a fazenda lhe tiraram;  
Um quer que o devedor lhe pague logo;  
Outro, para pagar, pertende espera;  
Todos, enfim, concluem que não podem  
Demandas conservar; por serem pobres  
E grandes as despesas, que se fazem  
Nas casas dos letrados e cartórios.  
Então o grande chefe, sem demora,  
Decide os casos todos que lhe ocorrem  
Ou sejam de moral, ou de direito,  
Ou pertençam, também, à medicina,  
Sem botar, (que ainda é mais), abaixo um livro  
Da sua sempre virgem livraria.  
Lá vai uma sentença revogada  
Que já pudera ter cabelos brancos;  
Lá se manda que entreguem os ausentes  
Os bens ao sucessor, que não lhes mostra  
Sentença que lhe julgue a grossa herança.  
A muitos, de palavra, se decreta  
Que em pedir os seus bens, não mais prossigam;  
A outros se concedem breves horas  
Para pagarem somas que não devem.  
Ah! tu, meu Senhor Pança, tu que foste  
Da Baratária o chefe, não lavraste  
Nem uma-só sentença tão discreta!  
E que queres, amigo, que suceda?  
Esperavas, acaso, um bom governo  
Do nosso Fanfarrão? Tu não o viste  
Em trajes de casquilho, nessa corte ?  
E pode, meu amigo, de um peralta  
Formar-se, de repente, um homem sério?  
Carece, Doroteu, qualquer ministro  
Apertados estudos, mil exames,  
E pode ser o chefe onipotente  
Quem não sabe escrever uma só regra  
Onde, ao menos, se encontre um nome certo?  
Ungiu-se, para rei do povo eleito,  
A Saul, o mais santo que Deus via.  
Prevaricou Saul, prevaricaram,  
No governo dos povos, outros justos.  
E há-de bem governar remotas terras

Aquele que não deu, em toda vida  
Um exemplo de amor à sã virtude?  
As letras, a justiça, a temperança  
Não são, não são morgados que fizesse  
A sábia natureza, para andarem.  
Por sucessão nos filhos dos fidalgos.  
Do cavalo andaluz, é, sim, provável  
Nascer, também, um potro de esperança,  
Que tenha frente aberta, largos peitos,  
Que tenha alegres olhos e compridos,  
Que seja, enfim, de mãos e pés calçado;  
Porém de um bom ginete também pode  
Um catralvo nascer, nascer um zarco.  
Aquele mesmo potro, que tem todos  
Os formosos sinais, que aponta o Rego,  
Carece, Doroteu, correr em roda  
No grande picadeiro muitos meses,  
Para um e outro lado, necessita  
Que o destro picador lhe ponha a sela  
E que, montando nele, pouco a pouco,  
O faça obedecer ao leve toque  
Do duro cabeção, da branda rédea.  
Dos mesmos, Doroteu... porém já toca.  
Ao almoço a garrida da cadeia  
Vou ver se dormir posso, enquanto duram  
Estes breves instantes de sossego,  
Que, sem barriga farta e sem descanso,  
Não se pode escrever tão longa história.

### Carta 3ª

*Em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio.*

Que triste, Doroteu, se pôs a tarde!  
Assopra o vento sul, e densa nuvem  
Os horizontes cobre; a grossa chuva,  
Caindo das biqueiras dos telhados  
Forma regatos, que os portais inundam.  
Rompem os ares colubrinas fchas  
De fogo devorante e ao longe soa,  
De compridos trovões, o baixo estrondo.  
Agora, Doroteu, ninguém passeia,  
Todos em casa estão, e todos buscam  
Divertir a tristeza, que nos peitos  
Infunde a tarde, mais que a noite feia.  
O velho Altimidonte, certamente,  
Tem postas nos narizes as cangalhas  
E revolvendo os grandes, grossos livros.  
C'os dedos inda sujos de tabaco,  
Ajunta ao mau processo muitas folhas  
De vãs autoridades carregadas.  
O nosso bom Dirceu, talvez que esteja.  
Com os pés escondidos no capacho,  
Metido no capote, a ler gostoso  
O seu Vergílio o seu Camões e Tasso.  
O termo Floridoro, a estas horas,

No mole espreguiceiro se reclina  
A ver brincar, alegres, os filhinhos,  
Um já montado na comprida cana  
E outro pendurado no pescoço  
Da mãe formosa, que risonho abraça.  
O gordo Josefino está deitado,  
Nada lhe importa, nem do mundo sabe,  
Ao som do vento, dos trovoes e chuva,  
Como em noite tranqüila, dorme e ronca;  
O nosso Damião, enfim, abana  
Ao lento fogo com que, sábio, tira  
Os úteis saís da terra e o teu Critilo,  
Que não encontra, aqui, com quem murmure,  
Quando so murmurar lhe pede o gênio,  
Pega na pena e desta sorte voa,  
De cá, tão longe, a murmurar contigo.  
Já disse, Doroteu, que o nosso chefe,  
Apenas principia a governar-nos,  
Nos pertende mostrar que tem um peito  
Muito mais terno e brando, do que pedem  
Os severos officios do seu cargo.  
Agora, cuidarás, prezado amigo,  
Que as chaves das cadeias já não abrem,  
Comidas da ferrugem ? Que as algemas,  
Como trastes inúteis, se furtaram?  
Que o torpe executor das graves penas  
Liberdade ganhou ? Que já não temos  
Descalços guardiães, que à fonte levem,  
Metidos nas correntes, os forçados?  
Assim, prezado amigo, assim devia  
Em Chile acontecer, se o nosso chefe  
Tivesse, em governar, algum sistema.  
Mas, meu bom Doroteu, os homens néscios  
As folhas dos olmeiros se comparam:  
São como o leve fumo, que se move  
Para partes diversas, mal os ventos  
Começam a apontar, de partes várias.  
Ora, pois, doce amigo, atende o como  
No seu contrário vicio, degenera  
A falsa compaixão do nosso chefe,  
Qual o sereno mar, que, num instante,  
As ondas sobre as ondas encapela.  
Pertende, Doroteu, o nosso chefe  
Erguer uma cadeia majestosa,  
Que possa escurecer a velha fama  
Da torre de Babel e mais dos grandes,  
Custosos edificios que fizeram,  
Para sepulcros seus, os reis do Egito.  
Talvez, prezado amigo, que imagine  
Que neste monumento se conserve  
Eterna, a sua glória, bem que os povos  
Ingratos não consagrem ricos bustos  
Nem montadas estátuas ao seu nome.  
Desiste, louco chefe, dessa empresa:  
Um soberbo edificio levantado  
Sobre ossos de inocentes, construído  
Com lágrimas dos pobres, nunca serve  
De glória ao seu autor, mas, sim, de opróbrio.  
Desenha o nosso chefe, sobre a banca,  
Desta forte cadeia o grande risco,

A proporção do gênio e não das forças  
Da terra decadente, aonde habita.  
Ora, pois, doce amigo, vou pintar-te  
Ao menos o formoso frontispício.  
Verás se pede máquina tamanha  
Humilde povoado, aonde os grandes  
Moram em casas de madeira a pique.  
Em cima de espaçosa escadaria  
Se forma do edifício a nobre entrada  
Por dois soberbos arcos dividida;  
Por fora destes arcos se levantam  
Três jônicas colunas, que se firmam  
Sobre quadradas bases e se adornam  
De lindos capitéis, aonde assenta  
Uma formosa, regular varanda;  
Seus balaústres são das alvas pedras  
Que brandos ferros cortam sem trabalho.  
Debaixo da cornija, ou projetura,  
Estão as armas deste reino abertas  
No liso centro de vistosa tarja.  
Do meio desta frente sobe a torre  
E pegam desta frente, para os lados,  
Vistasas galerias de janelas  
A quem enfeitam as douradas grades.  
E sabes, Doroteu, quem edifica  
Esta grande cadeia? Não, não sabes.  
Pois ouve, que eu t'ó digo: um pobre chefe  
Que, na corte, habitou em umas casas  
Em que já nem abriam as janelas.  
E sabes para quem? Também não sabes.  
Pois eu também t'ó digo: para uns negros  
Que vivem, (quando muito), em vis cabanas,  
Fugidos dos senhores, lá nos matos.  
Eis aqui, Doroteu, ao que se pode  
Muito bem aplicar aquela mofa  
Que faz o nosso mestre, quando pinta  
Um monstro meio peixe e meio dama.  
Na sabia proporção é que consiste  
A boa perfeição das nossas obras.  
Não pede, Doroteu, a pobre aldeia  
Os soberbos palácios, nem a corte  
Pode, também, sofrer as toscas choças.  
Para haver de suprir o nosso chefe  
Das obras meditadas as despesas,  
Consome do senado os rendimentos  
E passa a maltratar ao triste povo,  
Com estas nunca usadas violências:  
Quer cópia de forçados que trabalhem  
Sem outro algum jornal, mais que o sustento  
E manda a um bom cabo que lhe traga  
A quantos quilombotas se apanharem  
Em duras gargalheiras. Voa o cabo,  
Agarra a um e outro e num instante  
Enche a cadeia de alentados negros.  
Não se contenta o cabo com trazer-lhe  
Os negros que têm culpas, prende e manda  
Também, nas grandes levas, os escravos  
Que não têm mais delitos que fugirem  
Às fomes e aos castigos, que padecem  
No poder de senhores desumanos.

Ao bando dos cativos se acrescentam  
Muitos pretos já livres e outros homens  
Da raça do país e da européia  
Que, diz ao grande chefe, são vadios  
Que perturbam dos povos o sossego.  
Não há, meu Doroteu, quem não se molde  
Aos gestos e aos costumes dos maiores.  
Brincando, os inocentes os imitam,  
Se as tropas se exercitam, eles fingem  
As hórridas batalhas. Se se fazem  
Devotas procissões, também carregam  
Aos ombros os andores e as charolas.  
Os mesmos magistrados se revestem  
Do gênio e das paixões de quem governa.  
Se o rei é piedoso, são benignos  
Os severos ministros, se é tirano  
Mostram os pios corações de feras.  
Por isso, Doroteu, um chefe indigno  
É muito e muito mau, porque ele pode  
A virtude estragar de um vasto império.  
Os nossos comandantes, que conhecem  
A vontade do chefe, também querem  
Imitar deste cabo o ardente zelo.  
Enviam para as pedras os vadios  
Que, na forma das ordens, mandar devem  
Habitar em desterro novas terras.  
Ora, pois, doce amigo, já que falo  
Nos nossos comandantes, será justo  
Que te dê destes bichos uma idéia.  
A gente, Doroteu, que não se alista  
Nas tropas regulares forma corpos  
De bisonha ordenança. Não há terra  
Sem ter um corpo destes. Os seus chefes  
Ao capitão maior estão sujeitos,  
E são os que se chamam comandantes,  
Porque as partes comandam destes terços.  
Estes famosos chefes, quase sempre  
Da classe dos tendeiros são tirados.  
Alguns, inda depois de grandes homens,  
Se lhe faltam os negros, a quem deixam  
O governo das vendas, não entendem  
Que infamam as bengalas, quando pesam  
A libra de toucinho e quando medem  
O frasco de cachaça. Agora atende,  
Verás que desta escória se levanta  
De magistrados uma nova classe.  
Aos ricos taverneiros, disfarçados  
Em ar de comandantes, manda o chefe  
Que tratem da polícia e que não deixem  
Viver, nos seus distritos, as pessoas  
Que forem revoltosas. Quer que façam  
A todos os vadios uns sumários  
E que, sem mais processos, os remetam  
Para remotas partes, sem que destas  
Jurídicas sentenças, se faculte  
Algum recurso para mor alçada.  
Já viste, Doroteu, um tal desmancho?  
As santas leis do reino não concedem  
Ao magistrado régio, que execute,  
No crime, o seu julgado e o nosso chefe

Quer que dêem as sentenças sem apelo  
Incultos comandantes, que nem sabem  
Fazer um bom diário do que vendem!  
Concedo, caro amigo, que estes homens  
São uns grandes consultos, que meteram  
Os corpos do direito nos seus cascos.  
Ainda assim pergunto: e como pode  
O chefe conceder-lhes esta alçada ?  
Ignora a lei do reino, que numera  
Entre os direitos próprios dos augustos  
A criação dos novos magistrados?  
O grande Salomão lamenta o povo  
Que sobre o trono tem um rei menino;  
Eu lamento a conquista a quem governa  
Um chefe tão soberbo e tão estulto  
Que, tendo já na testa brancas repas,  
Não sabe, ainda, que nasceu vassalo.  
Os néscios comandantes e o bom cabo,  
Que fez o nosso herói geral meirinho,  
Remetem, nas correntes, povo imenso.  
Parece, Doroteu, que temos guerras;  
Que, para recrutar as companhias,  
De toda a parte vêm chorosas levas.  
Aqui, prezado amigo, principia  
Esta triste tragédia, sim, prepara,  
Prepara o branco lenço, pois não podes  
Ouvir o resto, sem banhar o rosto  
Com grossos rios de salgado pranto.  
Nas levas, Doroteu, não vêm somente  
Os culpados vadios; vem aquele  
Que a dívida pediu ao comandante;  
Vem aquele, que pôs impuros olhos  
Na sua mocetona e vem o pobre,  
Que não quis emprestar-lhe algum negrinho,  
Para lhe ir trabalhar na roça e lavra.  
Estes tristes, mal chegam, são julgados  
Pelo benigno chefe a cem açoites.  
Tu sabes, Doroteu, que as leis do reino  
Só mandam que se açoitem com a sola  
Aqueles agressores, que estiverem.  
Nos crimes, quase iguais aos réus de morte.  
Tu também não ignoras que os açoites  
Só se dão, por desprezo, nas espáduas,  
Que açoitar, Doroteu, em outra parte  
Só pertence aos senhores, quando punem  
Os caseiros delitos dos escravos.  
Pois todo este direito se pretere:  
No pelourinho a escada já se assenta,  
Já se ligam dos réus os pés e os braços,  
Já se descem calções e se levantam  
Das imundas camisas rotas fraldas,  
Já pegam dois verdugos nos zorragues,  
Já descarregam golpes desumanos,  
Já soam os gemidos e respingam  
Miúdas gotas de pisado sangue.  
Uns gritam que são livres, outros clamam  
Que as sábias leis do rei os julgam brancos,  
Este diz que não tem algum delito  
Que tal rigor mereça, aquele pede  
Do justo acusador, ao céu, vingança.

Não afrouxam os braços os verdugos,  
Mas, antes, com tais queixas, se duplica  
A raiva nos tiranos, qual o fogo  
.Que aos assopros dos ventos ergue a chama  
Às vezes, Doroteu, se perde a conta  
Dos cem açoites, que no meio estava,  
Mas outra nova conta se começa.  
Os pobres miseráveis já nem gritam.  
Cansados de gritar, apenas soltam  
Alguns fracos suspiros, que enternecem.  
Que é isso, Doroteu, tu já retiras  
Os olhos do papel? Tu já desmaias?  
Já sentes as moções, que alheios males  
Costumam infundir nas almas ternas?  
Pois és, prezado amigo, muito fraco,  
Aprende a ter o valor do nosso chefe  
Que à janela se pôs e a tudo assiste  
Sem voltar o semblante para a ilharga.  
E pode ser, amigo, que não tenha  
Esforço, para ver correr o sangue,  
Que em defesa do trono se derrama.  
Aos pobres açoitados manda o chefe  
Que, presos nas correntes dos forçados,  
Vão juntos trabalhar. Então se entregam  
Ao famoso tenente, que os governa  
Como sábio inspetor das grandes obras.  
Aqui, prezado amigo, principiam  
Os seus duros trabalhos. Eu quisera  
Contar-te o que eles sofrem, nesta carta,  
Mas tu, prezado amigo, tens o peito,  
Dos males que já leste, magoado,  
Por isto é justo que suspenda a história,  
Enquanto o tempo não te cura a chaga.

#### Carta 4ª

*Em que se continua a mesma matéria*

Maldito, Doroteu, maldito seja  
O vício de um poeta, que, tomando  
Entre dentes alguém, enquanto encontra  
Matéria em que discorra, não descansa.  
Agora, Doroteu, mandou dizer-me  
O nosso amigo Alceu, que me embrulhasse  
No pardo casacão, ou no capote  
E que, pondo o casquete na cabeça,  
Fosse ao sítio Covão, jantar com ele.  
Eu bem sei, Doroteu, que tinha sopa  
Com ave e com presunto, sei que tinha  
De mamota vitela um gordo quarto,  
Que tinha fricassés, que tinha massas,  
Bom vinho de Canárias, finos doces  
E, de mimosas frutas, muitos pratos.  
Porém que importa, amigo, perdi tudo  
Só para te escrever mais uma carta.  
Maldito, Doroteu, maldito seja  
O vício de um poeta, pois o priva

De encher o seu bandulho, pelo gosto  
De fazer quatro versos, que bem podem  
Ganhar-lhe uma maçada, que só serve  
De dano ao corpo, sem proveito d'alma.  
A carta, Doroteu, a longa carta  
Que descreve a cadeia, finaliza  
No ponto de que os presos se remetem  
Ao severo tenente, que preside,  
Como sábio inspetor, às grandes obras.  
Agora prossigamos nesta história  
E demos-lhe o principio, por tirarmos  
Ao famoso inspetor, ao grão tenente,  
Com cores delicadas, uma cópia.  
É de marca maior que a mediana,  
Mas não passa a gigante, tem uns ombros  
Que o pescoço algum tanto lhe sufocam.  
O seu cachaço é gordo, o ventre inchado,  
A cara circular, os olhos fundos,  
De gênio soberbão, grosseiro trato,  
Assopra de contínuo e fala muito.  
Preza-se de fidalgo e não se lembra  
Que seu pai foi um pobre, que vivia  
De cobrar dos contratos os dinheiros,  
De que ficou devendo grandes somas,  
Sinal de que ele foi um bom velhaco.  
O filho, Doroteu, tomou-lhe as manhas:  
Era um triste pingante, que só tinha  
O seu pequeno soldo, agora veio  
Para inspetor das obras e já ronca,  
Já empresta dinheiros, já tem casas,  
Já tem trastes de custo e ricos móveis,  
Mas logo, Doroteu, verás o como.  
Mal o duro inspetor recebe os presos  
Vão todos para as obras; alguns abrem  
Os fundos alicerces, outros quebram,  
Com ferros e com fogo, as pedras grossas.  
Aqui, prezado amigo, não se atende  
Às forças nem aos anos. Mão robusta  
De atrevido soldado move o relho,  
Que a todos, igualmente, faz ligeiros.  
Aqui se não concede de descanso  
Aquele mesmo dia, o grande dia  
Em que Deus descansou e em que nos manda  
Façamos obras santas, sem que demos,  
Aos jumentos e bois, algum trabalho.  
Tu sabes, Doroteu, que um tal serviço  
Por uma civil morte se reputa.  
Que peito, Doroteu, que duro peito  
Não Que deve ter um chefe, que atormenta  
A tantos inocentes por capricho?  
Que se arrisque o vassalo na campanha,  
É uma digna ação que a pátria exige,  
Nem este grande risco nos estraga  
O pundonor, que vale mais que a vida;  
Antes nos abre as portas, para entrarmos  
Nos templos do heroísmo. Sim, nós temos,  
Nós temos mil exemplos. Muitos, muitos  
Que há séculos, morreram pela pátria,  
Na memória dos homens inda vivem.  
Mas arriscar vassalos inocentes

Às pedras que se soltam dos guindastes  
E aos montes de piçarra que desabam  
Nos fundos alicerces, sem vencerem,  
Nem como jornaleiros têmue paga;  
Pô-los, ainda em cima, na figura  
Dos indignos vassalos, que se julgam  
Em pena dos delitos, como escravos,  
Isto só para erguer-se uma obra grande,  
Que outra, pequena, supre, é mais que injusto:  
É uma das ações que só praticam  
Aqueles torpes monstros, que nasceram  
Para serem, na terra, o mal de muitos.  
Dirás tu, Doroteu, que o nosso chefe  
Não quer que os inocentes se maltratem;  
Que o fero comandante é quem abusa  
Dos poderes que tem. Prezado amigo,  
Quem ama a sã verdade busca os meios  
De a poder descobrir e o nosso chefe  
Despreza os meios de poder achá-la.  
Qu' é deles, os processos, que nos mostram  
A certeza dos crimes? Quais dos presos  
Os libelos das culpas contestaram?  
Quais foram os juizes, que inquiriram  
Por parte da defesa e quais patronos  
Disseram, de direito, sobre os fatos?  
A santa lei do reino não consente  
Punir-se, Doroteu, aquele monstro  
Que é réu de majestade, sem defesa.  
E podem ser punidos os vassalos  
Por aéreos insultos, sem se ouvirem  
E sem outro processo, mais que o dito  
De um simples comandante, vil e néscio?  
Um louco, Doroteu, faz mais, ainda,  
Do que nunca fizeram os monarcas;  
Faz mais que o próprio Deus, que Deus, querendo  
Punir, em nossos pais, a culpa grave  
Primeiro lhes pediu, que lhe dissessem,  
Qual foi, do seu delito, a torpe causa.  
Passam, prezado amigo, de quinhentos  
Os presos que se ajuntam na cadeia.  
Uns dormem encolhidos sobre a terra,  
Mal cobertos dos trapos, que molharam  
De dia, no trabalho. Os outros ficam,  
Ainda, mal sentados e descansam  
As pesadas cabeças sobre os braços,  
Em cima dos joelhos encruzados.  
O calor da estação e os maus vapores  
Que tantos corpos lançam, mui bem podem  
Empestar, Doroteu, extensos ares.  
A pálida doença aqui bafeja,  
Batendo brandamente as negras asas.  
Aquele Doroteu, a quem penetra  
Este hálito mortal, as forças perde,  
Tem dores de cabeça e, num instante.  
Abrasa-se em calor, de frio treme.  
Fazem os seus deveres os afetos  
Do nosso grão tenente: amor e ódio.  
Aquele que, risonho, lhe trabalha  
Nas suas próprias obras, é mandado  
Curar-se à Santa Casa, como pobre.

Os outros são tratados como servos,  
Que fogem ao trabalho dos senhores,  
Para as correntes vão, arrancam pedra  
E, quando algum fraqueia, o mau soldado  
Dá-lhe um berro que atroa, a mão levanta  
E, nas costas, o relho descarrega.  
Ah! tu, piedade santa, agora, agora,  
Os teus ouvidos tapa e fecha os olhos?  
Ou fuge desta terra, aonde um Nero,  
Aonde os seus sequazes, cada dia  
Para o pranto te dão motivos novos.  
O fogo, Doroteu, que vai moendo  
Depois de bem moer, a chama ateia  
E a matéria consome, em breve instante.  
Assim a podre febre que roía  
Aos míseros enfermos, pouco a pouco  
Erguendo, qual o fogo, a lavareda,  
À força do cansaço que resulta  
Do trabalho e do sol, consome e mata.  
Uns caem, com os pesos, que carregam  
E das obras os tiram pios braços  
Dos tristes companheiros; outros ficam  
Ali mesmo, nas obras, estirados.  
Acodem mãos piedosas: qual trabalha  
Por ver se pode abrir as grossas pegas  
E qual o copo d'água lhes ministra,  
Que, fechados os dentes, já não bebem.  
Uns as caras borrifam, outros tomam  
Os débeis pulsos que, parando, fogem.  
Ah! não mais compaixão! Não mais desvelo!  
O socorro chegou, mas foi mui tarde:  
Cobrem-se os membros de um suor já frio,  
Os cheios peitos, arquejando, roncam  
E vertem umas lágrimas sentidas,  
Que só lhes descem dos esquerdos olhos:  
Amarela-se a cor, baceia a vista,  
O semblante se afila, o queixo afrouxa,  
Os gestos e os arrancos se suspendem;  
Nenhum mais bole, nenhum mais respira  
Assim, meu Doroteu, sem um remédio,  
Sem fazerem despesas em um só caldo,  
Sem sábio diretor, sem sacramentos,  
Sem a vela na mão, na dura terra  
Estes pobres acabam seus trabalhos.  
Que esperas, duro chefe, que não contas  
À corte os teus triunfos! Tu não podes  
Mandar alqueires dos anéis tirados  
Dos dedos que cortaste nas campanhas;  
Mas de algemas, de pegas e correntes,  
Podes mandar à corte imensos carros.  
Tu podes... mas, amigo, não gastemos  
Todo o tempo em contar sentidas coisas,  
Façamos menos triste a nossa história;  
Misturemos os casos, que magoam,  
Com sucessos, que sejam menos fortes.  
Não bastam, Doroteu, galés imensas,  
São outros mais socorros necessários  
Para crescerem as soberbas obras.  
Ordena o grande chefe, que os roceiros  
E outros quaisquer homens, que tiverem

Alguns bois de serviço, prontos mandem  
Os bois e mais os negros que os governem,  
Durante uma semana de trabalho.  
Ordena, ainda mais, que, neste tempo,  
Não recebam jornal, antes, que tragam  
O milho, para os bois, dos seus celeiros.  
Que é isto, Doroteu, abriste a boca?  
Ficaste embasbacado? Não supunhas  
Que o nosso grande chefe se saísse  
Com uma tão formosa providência?  
Nisto de economia é ele o mestre;  
Está para compor uma obra, aonde  
Quer o modo ensinar, de não gastarem  
As tropas coisa alguma, no sustento.  
Deus o deixe viver, até que chegue  
A pô-la, Doroteu, no mesmo estado  
Em que estão os volumes, onde existem  
Os despachos, que deu, no seu governo.  
Ora, ouve ainda mais, atende e pasma.  
Para se sustentarem os forçados  
Os gêneros se comprem, com bilhetes  
Que paga o tesoureiro, quando pode;  
E sobre esta fiança inda se tomam  
Por muito menos preço do que correm.  
As tropas, que carregam mantimentos.  
Apenas descarregam, vão, de graça,  
À distante caieira, com soldados  
Buscar queimada pedra. Daqui nasce  
Os tropeiros fugirem e chorarmos  
A grande carestia do sustento.  
Responde, louco chefe, se tu podes  
Tais violências fazer. Não era menos  
Lançares sobre os povos um tributo?  
Os homens que têm carros e os que vivem  
De viveres venderem são, acaso,  
Aos mais inferiores nos direitos?  
Esta cadeia é sua, porque deva  
Sobre eles carregar tamanho peso?  
E o povo, quando compra tudo caro,  
Não paga ainda mais, do que pagara  
Se um módico tributo se lançasse,  
À proporção dos bens de cada membro?  
Amigo Doroteu, quem rege os povos  
Deve ler, de contínuo, os doutos livros  
E deve só tratar com sábios homens. ;  
Aquele que consome as largas horas  
Em falar com os néscios e peraltas,  
Em meter entre as pernas os perfumes,  
Em concertar as pontas dos lencinhos,  
Não nasceu para as coisas que são grandes,  
Que, nestas bagatelas, não consomem  
O tempo proveitoso as nobres almas.  
Quem não quer, Doroteu, mandar o carro,  
Co' o famoso tenente se concerta.  
Onde vai tal dinheiro ninguém sabe;  
Só sabemos mui bem, que o bom tenente  
Sem ter outro negócio, que lhe renda,  
De pingante, passou a potentado.  
Sabemos também mais... porém, amigo,  
O falar nestas coisas já me enfada.

Omito outros sucessos, que lastimo,  
E fecho, Doroteu, a minha carta,  
Com um maravilhoso, estranho caso.  
Distante nove léguas desta terra  
Há uma grande ermida, que se chama  
Senhor de Matozinhos: este templo  
Os devotos fiéis a si convoca  
Por sua arquitetura, pelo sítio  
E, ainda muito mais, pelos prodígios  
Com que Deus enobrece a santa imagem.  
Este famoso templo tem um carro,  
Comprado com esmolas, que carrega  
As pedras e madeiras, que ainda faltam.  
O comandante austero notifica  
A veneranda imagem, na pessoa  
Do zeloso ermitão, para que mande  
O carro, com os bois, servir nas obras  
Mal lhe couber o turno da semana.  
Faz-se uma petição ao nosso chefe  
Em nome do Senhor, em que se alega  
Que o carro, que ele tem, se ocupa, ainda,  
Na pia construção da sua casa;  
Que ele, Cristo, não tem nenhuma renda  
Senão esmolas tênues, que só devem  
Gastar-se no seu templo e no seu culto,  
Conforme as intenções de quem as pede.  
Apenas viu o chefe o peditório,  
Quis ao Cristo mandar, que lhe juntasse  
O título que tinha, porque estava  
Isento de pagar os seus impostos:  
Que ele sabe mui bem que o mesmo Cristo  
Mandou ao velho Pedro, que pagasse  
A César, os tributos, em seu nome.  
E Cristo, figurado em uma imagem  
Não tem mais isenções, que teve o próprio.  
Pegava o seu Matúcio já na pena,  
Quando lembra, ao bom chefe, o que decretam  
Os cânones da igreja, que concedem  
Que. para se fazerem obras pias,  
Até os sacros vasos se alienem.  
Infere daqui logo, que este carro  
Não goza de isenção, porque, suposto  
Se possa numerar nos bens da igreja,  
Conforme as Decretais até podia,  
Neste caso, vender-se, por ser obra  
Mais pia do que todas, a cadeia.  
Lança mão ele mesmo, então, da pena  
E põe na petição um escusado  
Com uns rabiscos tais, que ninguém sabe  
Ao menos conhecer-lhe uma só letra.  
Agora dirá tu: "meu bom Critilo,  
Não se isentar a Cristo desse imposto  
Foi um grande tesão, mas necessário,  
Por não se abrir a porta a maus exemplos.  
Antes o Santo Cristo é que devia  
Mandar o carro logo, como Mestre  
Da sublime Virtude e, desta sorte,  
Obrou o mesmo Cristo, em outro tempo,  
Mandando que pagasse Pedro a César  
O tributo, por ele, quando estava,

Por um dos filhos ser mui bem isento.  
Mas se esse Santo Cristo não podia  
Por dias dispensar os bois e carro,  
Porque não se valeu do tal Matúcio,  
Do poeta Robério e de outros trastes,  
Por quem aqui se conta, que pratica  
O grande Fanfarrão os seus milagres ?"  
Tu instas, Doroteu, qual o mestraço  
Quando, por defender a sua escola,  
Arregaçando o braço, o pé batendo  
E enchendo as cordoveias, grita e ralha.  
Mas eu, prezado amigo, com bem pouco  
Te boto esse argumento todo abaixo.  
Em primeiro lugar o Santo Cristo  
É homem muito sério, e por ser sério,  
Não tem com essa gente um leve trato;  
Em segundo lugar é muito pobre.  
Só dá aos seus devotos indulgências  
Com anos de perdão e, destas drogas,  
Não fazem tais validos nenhum caso.  
Ora pois, louco chefe, vai seguindo  
A tua pertensão, trabalha, e força  
Por fazer imortal a tua fama.  
Levanta um edifício em tudo grande,  
Um soberbo edifício, que desperte  
A dura emulação na própria Roma.  
Em cima das janelas e das portas  
Põe sábias inscrições, põe grandes bustos,  
Que eu lhes porei, por baixo, os tristes nomes  
Dos pobres inocentes, que gemeram  
Ao peso dos grilhões, porei os ossos  
Daqueles que os seus dias acabaram,  
Sem Cristo e sem remédios, no trabalho.  
E nós, indigno chefe, e nós veremos  
A quais destes padrões não gasta o tempo.

#### Carta 5ª

*Em que se contam as desordens feitas nas festas que se celebraram nos desposórios do nosso sereníssimo infante, com a sereníssima infanta de Portugal.*

Tu já tens, Doroteu, ouvido histórias  
Que podem comover a triste pranto .  
Os secos olhos dos cruéis Ulisses.  
Agora, Doroteu, enxuga o rosto,  
Que eu passo a relatar-te coisas lindas.  
Ouvirás uns sucessos, que te obriguem  
A soltar gargalhadas descompostas.  
Por mais que a boca, com a mão, apertes,  
Por mais que os beiços, já convulsos, mordas,  
Eu creio, Doutor... Porém aonde  
Me leva, tão errado, o meu discurso?  
Não esperes, amigo, não esperes,  
Por mais galantes casos que te conte,  
Mostrar no teu semblante um ar de riso.  
Os grandes desconcertos, que executam  
Os homens que governam, só motivam,

Na pessoa composta, horror e tédio.  
Quem pode, Doroteu, zombar, contente,  
Do César dos romanos, que gastava  
As horas, em caçar imundas moscas?  
Apenas isto lemos, o discurso  
Se aflige, na certeza de que um César,  
De espíritos tão baixos, não podia  
Obrar um fato bom, no seu governo.  
Não esperes, amigo, não esperes  
Mostrar no teu semblante um ar de riso;  
Espera, quando muito, ler meus versos,  
Sem que molhe o papel amargo pranto,  
Sem que rompa a leitura alguns suspiros.  
Chegou à nossa Chile a doce nova  
De que real infante recebera,  
Bem digna de seu leito, casta esposa.  
Reveste-se o baxá de um gênio alegre  
E, para bem fartar os seus desejos  
Quer que, a despesas do senado e povo,  
Arda em grandes festins a terra toda.  
Escreve-se ao senado extensa carta  
Em ar de majestade, em frase moura,  
E nela se lhe ordena, que prepare,  
Ao gosto das Espanhas, bravos touros;  
Ordena-se, também, que, nos teatros,  
Os três mais belos dramas se estropiem  
Repetidos por bocas de mulatos;  
Não esquecem, enfim, as cavalhadas.  
Só fica, Doroteu, no livre arbítrio  
Dos pobres camaristas, repartirem  
Bilhetes de convites, pelas damas.  
Amigo Doroteu, ah! tu não podes  
Pesar o desconcerto desta carta,  
Enquanto não souberes a lei própria  
Que, aos festejos reais, prescreve a norma.  
Enquanto, Doroteu, a nossa Chile  
Em toda parte tinha, à flor da terra,  
Extensas e abundantes minas de ouro,  
Enquanto os taberneiros ajuntavam  
Imenso cabedal, em poucos anos,  
Sem terem, nas tabernas fedorentas,  
Outros mais sortimentos, que não fossem  
Os queijos, a cachaça, o negro fumo  
E sobre as parteleiras poucos frascos,  
Enquanto, enfim, as negras quitandeiras,  
À custa dos amigos, sô trajavam  
Vermelhas capas de galões cobertas,  
De galacés e tissors ricas saias,  
Então, prezado amigo, em qualquer festa  
Tirava, liberal, o bom senado,  
Dos cofres chapeados, grossas barras.  
Chegaram tais despesas à notícia  
Do rei prudente, que a virtude preza.  
E, vendo que estas rendas se gastavam  
Em touros, cavalhadas e comédias,  
Aplicar-se podendo a coisas santas,  
Ordena, providente, que os senados,  
Nos dias em que devem mostrar gosto  
Pelas reais fortunas, se moderem  
E só façam cantar, no templo, os hinos

Com que se dão aos céus as justas graças.  
Ah ! meu bom Doroteu, que feliz fora  
Esta vasta conquista, se os seus chefes  
Com as leis dos monarcas se ajustaram!  
Mas alguns não presumem ser vassalos,  
Só julgam que os decretos dos augustos  
Têm força de decretos, quando ligam  
Os braços dos mais homens, que eles mandam.  
Mas nunca quando ligam os seus braços.  
Com esta sábia lei replica o corpo  
Dos pobres senadores e pondera  
Que o severo juiz, que as contas toma,  
Lhes não há-de aprovar tão grandes gastos.  
Da sorte, Doroteu, que o bravo potro  
Quando a sela recebe a vez primeira.  
Enquanto não sacode a sela fora  
E faz em dois pedaços cilha e rédea.  
Mete entre os duros braços a cabeça  
E dá, saltando aos ares, mil corcovos.  
Assim o irado chefe não atura  
O freio desta lei, espuma brama,  
Arrepela o cabelo, a barba torce  
E, enquanto entende que o senado zela  
Mais as leis, que o seu gosto, não descansa  
Aos tristes senadores não responde,  
Mas manda-lhes dizer que, a não fazerem  
Os pomposos festejos, se preparem  
Para serem os guardas dos forçados,  
Trocando as varas em chicote e relho.  
Já viste, Doroteu, que o grande chefe,  
O defensor das leis, o mesmo seja  
Que insulte, que ameace ao bom vassalo  
Que intenta obedecer ao seu monarca ?  
Pois ainda, Doroteu, não viste nada.  
Um monstro, um monstro destes não conhece  
Que exista algum maior que, ousado, possa  
Ou na terra ou no céu, tomar-lhe conta.  
Infeliz, Doroteu, de quem habita  
Conquistas do seu dono tão remotas!  
Aqui o povo geme e os seus gemidos  
Não podem, Doroteu, chegar ao trono.  
E se chegam, sucede quase sempre  
O mesmo que sucede nas tormentas,  
Aonde o leve barco se sossobra  
Aonde a grande nau resiste ao vento.  
Que peito, Doroteu, que peito pode  
Constante, persistir nos são projetos,  
Ouvindo as ameaças do tirano  
E, junto já de si, o som dos ferros?  
Somente, Doroteu, os homens santos  
Que a sua lei defendem, vêem os potros,  
Vêem cruces, cadafalsos e cutelos  
Com rosto sossegado, os outros homens  
Não podem, Doroteu, não podem tanto.  
À força de temor o bom senado  
Constância já não tem; afrouxa e cede.  
Somente se disputa sobre o modo  
De ajuntar-se o dinheiro, com que possa  
Suprir tamanho gasto o grande Albergá.  
Uns dizem que, das rendas do senado,

Tiradas as despesas, nada sobra.  
Os outros acrescentam, que se devem  
Parcelas numerosas, impagáveis  
Às consternadas amas dos expostos.  
Uns ralham, outros ralham, mas que importa?  
Todos arbítrios dão, nenhum acerta.  
Então o grande Alberga, que preside,  
Vendo esta confusão, na mesma bate  
E, levantando a voz, pausada e forte,  
A importante questão assim decide:  
"Há dinheiro, senhores, há dinheiro;  
Vendam-se os castiçais, tinteiro e bancos,  
Venda-se o próprio pano e mesa velha,  
Quando isto não baste, há bom remédio,  
As fazendas se tomem, não se paguem  
E, para autorizardes esta indústria,  
Eu vos dou, cidadãos, o meu exemplo".  
Intentam replicar-lhe os camaristas,  
A tão baixos calotes nunca afeitos.  
Mas ele, que não sofre mais instâncias,  
As grossas sobranceiras arqueando,  
Desta sorte prossegue, em tom azedo:  
"Se os meus santos conselhos se desprezam,  
Depressa vou dar parte ao nosso chefe.  
Ah! pobres cidadãos, se assim o faço!  
Já se me representa que vos sinto  
Gemer, debaixo dos pesados ferros."  
Só tu, maroto Alberga, só tu podes  
Desta sorte falar aos teus colegas!  
Que importa que os acuses e que importa  
Que os prenda, com grilhões, o duro chefe?  
São ferros estes, ferros muito honrados,  
Que a honra só consiste na inocência.  
Apenas, Doroteu, o vil Alberga  
Fala em queixa fazer ao nosso chefe,  
De susto os camaristas nem respiram,  
Quais chorosos meninos, que emudecem  
Quando as amas lhes dizem: cala, cala,  
Que la vem o tutu que papa a gente.  
Mandam-se apregoar as grandes festas,  
Acompanha ao pregão luzida tropa  
De velhos senadores. Estes trajam,  
Ao modo cortesão, chapéus de plumas,  
Capas com bandas de vistosas sedas.  
Chega enfim o dia suspirado,  
O dia do festejo. Todos correm  
Com rostos de alegria ao santo templo.  
Celebra o velho bispo a grande missa,  
Porém o sábio chefe não lhe assiste  
Debaixo do espaldar, ao lado esquerdo:  
Para a tribuna sobe e ali se assenta.  
Uns dizem, Doroteu, fugiu prudente,  
Por não ver assentados os padrecos  
Na capela maior, acima dele.  
Os outros sabichões, que a causa indagam,  
Discorrem que o senado lhe devia  
Erguer, no presbitério, dossel branco,  
Em honra dele ser Lugar Tenente.  
Mas eu com estes votos não concordo,  
E julgo, afoito, que a razão foi esta:

Porque estando patente e tendo posto  
O seu chapéu em cima da cadeira,  
Pudera duvidar-se se devia  
O bispo ter a mitra na cabeça.  
Acaba-se a função e o nosso chefe  
À casa, com o bispo se recolhe.  
A nobreza da terra os acompanha  
Até que montam a dourada sege.  
Aqui, meu Doroteu, o chefe mostra  
O seu desembaraço e o seu talento!  
Só numa função destas se conhece  
Quem tem andado terras, onde habitam,  
Despidas dos abusos, sábias gentes !  
Vai passando por todos, sem que abaixe  
A emproada cabeça, qual mandante  
Que passa pelo meio das fileiras.  
Chega junto da sege, à sege sobe  
E da parte direita toma assento.  
O bispo, o velho bispo atrás caminha.  
Em ar de quem se teme da desfeita.  
Com passos vagarosos chega à sege.  
Encaixa na estribeira o pé cansado  
E duas vezes por subir forceja.  
Acodem alguns padres respeitosos  
E, por baixo dos braços, o sustentam.  
Então, com mais alento, o corpo move  
Dá o terceiro arranco, o salto vence  
E, sem poder soltar uma palavra,  
Ora vermelho ora amarelo fica,  
Do nosso Fanfarrão ao lado esquerdo.  
Agora dirás tu: "que bruto é esse?  
Pode haver um tal homem, que se atreva  
A pôr na sua sege ao seu prelado  
Da parte da boléia? Eu tal não creio."  
Amigo Doroteu, estás mui ginja,  
Já lá vão os rançosos formulários  
Que guardavam à risca os nossos velhos.  
Em outro tempo, amigo, os homens sérios  
Na rua não andavam sem florete;  
Traziam cabeleira grande e branca.  
Nas mãos os seus chapéus. Agora, amigo,  
Os nossos próprios becas têm cabelo.  
Os grandes sem florete vão à missa.  
Com a chibata na mão, chapéu fincado,  
Na forma em que passeiam os caixeiros.  
Ninguém antigamente se sentava  
Senão direito e grave, nas cadeiras.  
Agora as mesmas damas atravessam  
As pernas sobre as pernas. Noutro tempo  
Ninguém se retirava dos amigos,  
Sem que dissesse adeus. Agora é moda  
Sairmos dos congressos em segredo.  
Pois corre, Doroteu, à paridade,  
Que os costumes se mudam com os tempos.  
Se os antigos fidalgos sempre davam  
O seu direito lado a qualquer padre,  
Acabou-se esta moda: o nosso chefe  
Vindica os seus direitos. Vê que o bispo  
É um grande que foi, há pouco, frade  
E não pode ombrear com quem descende

De um bravo patagão que, sem desculpa,  
Lá nos tempos de Adão já era grande.  
Na tarde, Doroteu, do mesmo dia  
Sai uma procissão, de poucos negros  
E padres revestidos, só composta,  
Que os brancos e os mulatos se ocupavam  
Em guarnecer as ruas, pois que todos  
Ocupados estão nas régias tropas.  
Caminha o nosso chefe, todo Adônis,  
Diante da bandeira do senado;  
Alguns dos rigoristas não lho aprovam,  
Dizendo que devia, respeitoso,  
Da maneira que sempre praticaram  
Os seus antecessores, ir ao lado,  
Por ser esta bandeira um estandarte  
Onde tremulam, do seu reino, as armas.  
Mas eu não o censuro, antes lhe louvo  
A prudência que teve: pois supunha  
Que, à vista do seu sangue e seu caráter,  
Podia muito bem querer meter-se  
Debaixo, Doroteu, do próprio pálido.  
Que destras evoluções não fez a tropa!  
Uns ficam, ao passar o sacramento,  
Com as suas barretinas nas cabeças,  
Os outros se descobrem e ajoelham  
E, enquanto não se avança o nosso chefe  
Prostrados se conservam e, devotos,  
Não cessam de ferir os brandos peitos.  
Ah! grande general! com esta tropa  
Tu podes conquistar o mundo inteiro!  
Foram muitos felizes os Lorenas,  
Os Condés, os Eugênios e outros muitos,  
Em tu não floresceres nos seus tempos.  
Meu caro Doroteu, os sapateiros  
Entendem do seu couro, os mercadores  
Entendem de fazenda, os alfaiates  
Entendem de vestidos, enfim todos  
Podem bem entender dos seus ofícios.  
Porém querer o chefe que se formem  
Disciplinadas tropas de tendeiros,  
De moços de taberna, de rapazes  
E bisonhos roceiros, é delírio,  
Que o soldado não fica bom soldado  
Somente porque veste a curta farda,  
Porque limpa as correias, tinge as botas  
E, com trapos, engrossa o seu rabicho.  
A negra noite em dia se converte  
À força das tigelas e das tochas  
Que em grande cópia nas janelas ardem.  
Aqui o bom Robério se distingue:  
Compõe algumas quadras, que batiza  
Com o distinto nome de epigramas  
E pedante rendeiro as dependura  
Na dilatada frente, que ilumina,  
Fazendo-as escrever em lindas tarjas.  
Rançoso e mau poeta, não nasceste  
Para cantar heróis, nem coisas grandes!  
Se te queres moldar aos teus talentos,  
Em tosca frase do país somente  
Escreve trovas, que os mulatos cantem.

Andava, Doroteu, alegre a gente  
Em bandos pelas ruas. Então vejo  
Ao famoso Roquério neste traje:  
As chinelas nos pés, descalça a perna  
Um chapéu muito velho na cabeça,  
E, fora dos calções, a porca fralda.  
Em um roto capote mal se embrulha  
E grande varapau na mão sustenta,  
Que mais de estorvo que de arrimo serve,  
Pois a cachaça ardente, que o alegra,  
Lhe tira as forças dos robustos membros  
E põe-lhe peso, na cabeça leve.  
Não repares, amigo, que te conte  
Este sucesso, que parece estranho:  
Este grande Roquério é um daqueles  
Que assenta, à sua mesa, o nosso chefe.  
Agora, amigo, vê se esta pintura  
Não pode muito bem à nossa historia,  
Sem violência, servir, também, de enfeite.  
Fiquemos, Doroteu, aqui, por ora,  
Pois, de tanto escrever, a mão já cansa.  
Em outra contarei o mais, que resta  
E vi no grão passeio e mais no curro,  
Aonde as cavalhadas se fizeram,  
Aonde os maus capinhas maltrataram,  
Em vez de touros, mansos bois e vacas.

## Carta 6ª

*Em que se conta o resto dos festejos.*

Eu ontem, Doroteu, fechei a carta  
Em que te relatei da igreja já as festas .  
E como trabalhava, por lembrar-me  
Do resto dos festejos mal descalço  
Na cama, os lassos membros, me parece  
Que vou entrando na formosa praça.  
Não vejo, Doroteu, um curro feito  
De pedaços informes de outros curros  
Sim vejo o mesmo curro, que o bom chefe  
Riscou na seca praia, e nele vejo  
As mesmas armações, as mesmas caras.  
Ora vou, doce amigo, aqui pintá-lo  
Na frente se levanta um camarote  
Mais alto do que todos uma braça:  
Enfeitam seu prospecto lindas colchas  
E pendentes cortinas de damasco.  
À direita se assenta o nosso chefe;  
Os régios magistrados não o cercam,  
Nem o cerca, também, o nobre corpo.  
Dos velhos cidadãos, aquele mesmo  
Que faz de toda a festa os grandes gastos.  
Com ele só se assenta a sua corte,  
Que toda se compõe de novos Martes.  
Aqui alguns conheço, que inda vivem  
De darem o sustento, o quarto, a roupa.  
E capim para a besta, a quem viaja.

Conheço, finalmente, a outros muitos  
Que foram almocreves e tendeiros.  
Que foram alfaiates e Fizcram.  
Puxando a dente o couro, bem sapatos  
Agora, doce amigo, não te rias  
De veres que estes são aqueles grandes  
Que, em presença do chefe, encostar podem  
Os queixos nos bastões das finas canas.  
Os postos, Doroteu, aqui se vendem,  
E, como as outras drogas que se compram,  
Devem daqueles ser. que mais os pagam.  
No meio desta turba, veio um vulto  
Que moça me parece, pelo traje.  
Não posso conceber o como deva  
Estar uma senhora em tal palanque.  
O chefe, (eu discorria), inda é solteiro,  
E, quando não o fosse, a sua esposa  
Não havia sentar-se com barbados.  
Mil coisas, Doroteu, mil coisas feias  
Me sugere a malícia, e todas falsas.  
Aplico mais a vista, então conheço  
Que é uma muito esperta mulatinha  
Que dizem filha ser do seu lacaio.  
Eis aqui, Doroteu, o como, às vezes  
Que tudo é desta classe, e, se viveres  
Ainda o hás-de ver obrar milagres.  
Pegado ao camarote do bom chefe  
Se vê outro palanque, igual em tudo  
Aos rasos camarotes do mais povo.  
Aqui têm seu lugar os senadores;  
Com eles se incorporam outros muitos  
Que lograram de edis as grandes honras.  
Nos outros adornados camarotes  
Assistem as famílias mais honestas:  
Aqui nada se vê que seja pobre.  
Recreia, Doroteu, recreia a vista  
O vário dos matizes; cega os olhos  
O continuo brilhar das finas pedras.  
No meio de um palanque então descubro  
A minha, a minha Nise: está vestida  
Da cor mimosa com que o céu se veste  
Oh ! quanto, oh! quanto é bela! a verde olaia  
Quando se cobre de cheirosas flores  
A filha de Taumante, quando arqueia,  
No meio da tormenta, o lindo corpo;  
A mesma Vênus, quando toma e abraça  
O grosso escudo e lança, porque vence a  
A paixão do deus Marte com mais força,  
Ou, quando lacrimosa se apresenta  
Na sala de seu pai, para que salve  
Aos seus troianos das soberbas ondas,  
Não é, não é como ela tão formosa.  
Qual o tenro menino, a quem se chega  
Defronte do semblante a vela acesa.  
Umás vezes suspenso, outras risonho,  
Os olhos arregala e, bem que o chamem,  
A tesa vista não separa dela,  
Assim eu, Doroteu, apenas vejo  
A minha doce Nise, qual menino,  
Os olhos nela fito cheios de água,

E, por mais que me chamem, ou me abalem.  
De embebido que estou, não sinto nada.  
No meio, Doroteu, de tanto assombro,  
Me finge a perturbada fantasia  
Novo sucesso, que me aflige e cansa.  
Aparece, no curro passeando,  
Sexagenário velho, em ar de moço:  
Traja uma curta veste, calções largos  
Da cor da seca rosa, a quem adorna  
O brilhante galão de fina prata.  
Na bolsa do cabelo, que se enfeita  
De duas negras plumas e de flocos,  
Branquejam os vidrilhos, e no peito,  
De flores se sustenta um grande molho.  
Traz dois anéis nos dedos e fivelas  
De amarelos topázios. Não caminha  
Sem que, avante, caminhe um branco pajem  
Atrás da cadeirinha, e o seu moleque  
Em forma de lacaio. Ah! velho tonto!  
Esse teu tratamento imita, imita  
Ao estado que tem o rei do Congo.  
Ponho os meus olhos no caduco Adônis,  
Então se me afigura que ele oferta  
A Nise uma das flores, e que Nise  
Com ar risonho, no seu peito a prega.  
Aos zelos, Doroteu, ninguém resiste;  
Sentem a sua força os altos deuses,  
Os homens mais as feras; e, em Critilo,  
Não podes esperar paixões diversas.  
Apenas isto veio, exasperado  
Meto a mão no florete e, quando intento  
O peito transpassar-lhe, então acordo  
E, vendo-me às escuras sobre a cama  
Conheço que isto tudo foi um sonho.  
Pintei-te, Doroteu. o grande curro  
Da sorte que minha alma o viu sonhando:  
Agora vou pintar-te os mais sucessos  
Que impressos inda tenho na memória.  
Ainda, Doroteu, no largo curro  
Caretas não brincavam, nem se viam,  
Nos rasos camarotes, altas popas,  
Enfeites com que brilham néscias damas  
Quando já no castelo de madeira  
As peças fuzilavam, sinal certo  
De que o nosso herói e o velho bispo  
No adornado palanque se assentavam.  
Agora dirás tu: "é forte pressa!  
Os chefes nos teatros entram sempre  
Às horas de correr-se acima o pano.  
Amigo Doroteu, tu nunca viste  
Uma criança a quem a mãe promete  
Levá-la a ver de tarde alguma festa  
Que logo de manhã a mãe persegue,  
Pedindo que lhe dispa os fatos velhos ?  
Pois eis aqui, amigo, o nosso chefe.  
Não quer perder de estar casquilho e teso  
No erguido camarote um breve instante.  
Chegam-se, enfim, as horas do festejo;  
Entra na praça a grande comitiva;  
Trazem os pajens as compridas lanças

De fitas adornadas, vêm à destra  
Os formosos ginetes arreados,  
Seguem-se os cavaleiros, que cortejam  
Primeiro ao bruto chefe, logo aos outros,  
Dividindo as fileiras sobre os lados.  
Não há quem o cortejo não receba  
Em ar civil e grato; só o chefe  
O corpo da cadeira não levanta,  
Nem abaixa a cabeça, qual o dono  
Dos míseros escravos, quando juntos  
A benção vão pedir-lhe, porque sejam  
Ajudados de Deus no seu trabalho.  
Feitas as cortesias do costume,  
Os destros cavaleiros galopeiam  
Em círculos vistosos, pelo campo.  
Logo se formam em diversos corpos,  
A maneira das tropas que apresentam  
Sanguinosas batalhas. Soam trompas,  
Soam os atabales, os fagotes,  
Os clarins, os boés, e mais as flautas:  
O fogoso ginete as ventas abre  
E bate com as mãos na dura terra;  
Os dois mantenedores já se avançam.  
Aqui, prezado amigo, aqui não lutam,  
Como nos espetáculos romanos,  
Com forçosos leões, malhados tigres,  
Os homens, peito a peito e braço a braço.  
Jogam-se encontoadas, e se atiram  
Redondas alcancias, curtas canas.  
De que destro inimigo se defende  
Com fazê-las no ar em dois pedaços.  
Ao fogo das pistolas se desfazem  
Nos postes as cabeças. Umas ficam  
Dos ferros trespassados, outras voam,  
Sacudidas das pontas das espadas;  
Airoso cavaleiro ao ombro encosta  
A lança, no princípio da carreira;  
No ligeiro cavalo a espora bate;  
Desfaz com mão igual o ferro, e logo  
Que leva um argolinha, a rédea toma  
E faz que o bruto pare. Doces coros  
Aplaudem o sucesso, enchendo os ares  
De grata melodia. Então, vaidoso,  
Guiado de um padrinho, ao chefe leva  
O sinal da vitória, que segura  
Na destra, aguda lança. O bruto chefe  
Aceita a oferta em ar de majestade;  
À maneira dos amos, quando tomam  
As coisas que lhes dão os seus criados.  
Nestes e noutros brincos inocentes  
Se passa, Doroteu, a alegre tarde.  
Já no sereno céu resplandeciam  
As brilhantes estrelas, os morcegos  
E as toucadas corujas já voavam,  
Quando, prezado amigo, nas janelas  
Do nosso Santiago se acendiam.  
Em sinal de prazer, as luminárias;  
Ardem, pois, nas janelas de palácio  
Duas tochas de pau, e sobre a frente  
Da casa do Senado se levanta

Uma extensa armação, a quem enfeitam  
Quatro mil tigelinhas. Meu Alberga  
Aqui o prêmio tens, do teu trabalho.  
Tu farás, de torcidas e de azeite,  
Aos tristes camaristas, contas largas;  
E as arrobas de sebo, que não arde  
Desfeitas em sabão, mui bem te podem  
Toda a roupa lavar por muitos anos.  
Nas margens, Doroteu, do sujo corgo,  
Que banha da cidade a longa fralda,  
Ha uma curta praia, toda cheia  
De já lavados seixos. Neste sitio  
Um formoso passeio se prepara:  
Ordena o sábio chefe que se cortem  
De verdes laranjeiras muitos ramos,  
E manda que se enterrem nesta praia  
Fingindo largas ruas. Cada tronco  
Tem, debaixo das folhas, uma táboa.  
Sem lavor nem pintura, que sustenta  
Doze tigelas do grosseiro barro.  
No meio do passeio estão abertas  
Duas pequenas covas, pouco fundas  
Que lagos se apelidam. Sobre as bordas  
Ardem mil tigelinhas e o azeite  
Que corre, Doroteu, dos covos cacos  
Inda é mais do que são as sujas águas  
Que nem os fundos cobrem destes tanques.  
A tão formoso sitio tudo acode  
Ou seja de um ou seja de outro sexo,  
Ou seja de uma ou seja de outra classe.  
Aqui lascivo amante, sem rebuço  
A torpe concubina oferta o braco  
Ali mancebo ousado assiste e faia  
A simples filha, que seus pais recatam;  
A ligeira mulata, em trajes de homens,  
Dança o quente lundu e o vil batuque,  
E, aos cantos do passeio, inda se fazem  
Ações mais feias, que a modéstia oculta.  
Meu caro Doroteu, meu doce amigo,  
Se queres que este sitio te compare  
Como sério poeta, aqui tens Chipre,  
Nos dias em que os povos tributavam  
A deusa tutelar alegres cultos.  
Se queres que o compare, como um homem  
Que alguma noção tem das sacras letras,  
Aqui Sodoma tens e mais Gomorra.  
Se queres, finalmente, que o compare  
A lugar mais humilde, em tom jocoso,  
Aqui, amigo, tens esse afamado  
Quilombo, em que viveu o pai Ambrósio.  
Depõe o nosso chefe a majestade  
E, por ver as madamas, rebuçado  
No capote de berne; corre as ruas,  
Seguido, Doroteu, das suas guardas.  
Depois de dar seus giros, vai sentar-se  
Em um dos toscos bancos, onde tomam  
Assento certas moças que puderam,  
Não sei por que razão, cair-lhe em graça.  
Não diz uma fineza às tais mocinhas,  
Pois não é, Doroteu, porque não saiba,

Que ele tem muito estudo de Florinda,  
Da Roda da Fortuna e de outros livros,  
Que dão aos seus leitores grande massa.  
É, sim, por sustentar a gravidade  
Que, no público, pede o seu emprego.  
Mas, para lhes mostrar o quanto as preza,  
(Oh! força milagrosa do bestunto!)  
Descobre esta feliz e nova traça:  
Vai sentar-se na ponta do banquinho,  
Umhas vezes suspende ao ar o corpo,  
Outras vezes carrega sobre a taboa  
E, desta sorte, faz que as belas mocas,  
Movidas do balanço, dêem no vento  
Milhares e milhares de embigadas.  
Chega-se, Doroteu, defronte dele  
Um máscara prendado: não estima  
Os discretos conceitos, nem se agrada  
De ver executar vistosos passos.  
Manda, sim, que arremede o nosso bispo,  
Que arremede, também, o modo e o gesto  
De um nosso general. São estes momos  
Os únicos que podem comovê-lo  
No público a mostrar risonha cara.  
Oh ! alma de fidalgo, oh ! chefe digno  
De vestir a libré de um vil lacaio!  
Cresceram, doce amigo, alguns foguetes  
Da noite em que o Senado fez no curro  
De pólvora queimar barris imensos.  
Em uma noite clara, qual o dia.  
Ordena que os foguetes vão aos ares.  
Vai se pôr no passeio, reclinado  
Sobre um monte de pedras; faz-lhe a corte  
A velha poetisa, que repete  
Um soneto que fez a certos males.  
Começam os vapores do ribeiro  
A formar, sobre a terra, nuvens densas  
Não se vêem, dos foguetes, os chuveiros  
Não se vêem as estrelas, nem as cobras  
Mas ele os deixas arder, e gasta a noite  
Contente com ouvir alguns estalos  
E a bulha, que eles fazem, quando sobem.  
Já chega, Doroteu, o novo dia  
O dia em que se correm bois é vacas.  
Amigo Doroteu, é tempo, é tempo  
De fazer-te excitar, no peito brando  
Afetos de ternura, de ódio e raiva.  
No dia. Doroteu, em que se devem  
Correr os mansos touros, acontece  
Morrer a casta esposa de um mulato,  
Que a vida ganha por tocar rabeça;  
Dá-se parte do caso ao nosso chefe  
Este, prezado amigo, não ordena  
Que outro músico vá em lugar dele  
A rabeça tocar no pronto carro;  
Ordena que ele escolha ou a cadeia  
Ou ir tocar a doce rabequinha  
Naquela mesma tarde, pela praia.  
Que é isto, Doroteu, estás confuso?  
Duvidas que isto seja ou não verdade ?  
Então que hás de fazer, quando me ouvires

Contar desordens, que inda são mais calvas?  
Indigno, indigno chefe, as leis sagradas  
Não querem se incomodem alguns dias  
Os parentes chegados dos defuntos,  
Ainda para coisas necessárias;  
E tu, cruel, violentas um marido  
A deixar sobre a terra o frio corpo  
Da sua terna esposa, sem que tenhas  
Ao menos uma honesta e justa causa  
Bárbaro, tu praticas tudo junto  
Quanto obraram, no mundo, os maus tiranos!  
Mezêncio ajuntava os corpos vivos  
Aos corpos já corruptos, e tu segues  
Outros caminhos, que inda são mais novos;  
Separas dos defuntos os que vivem,  
Não queres que os parentes sejam pios,  
Dando as últimas honras aos seus mortos!  
Chega-se, finalmente, a tarde alegre  
Do festejo dos touros. Já no curro  
Aparecem os dois formosos carros.  
O primeiro derrama sobre a terra,  
Por bocas de serpentes escamosas,  
Dois puros chorros de água; no segundo  
Se levantam, alegres, doces vozes,  
Que vários instrumentos acompanham.  
Aqui, entre os que tocam, se divisa  
Um triste rosto, que se alaga em pranto.  
Não sabes, Doroteu, quem este se!a ?  
Pois é, prezado amigo, aquele triste  
Que tem a mulher morta sobre a cama.  
O nosso grande chefe mal conhece  
Ao pobre do viúvo, compassivo  
Mete a mão no seu bolso e dele tira  
Um famoso cartucho, que lhe entrega.  
O néscio rebequista, que a ação nota,  
Um pouco suaviza a sua mágoa,  
E, enquanto não recebe o tal embrulho,  
Consigno assim discorre: "Que ditosa,  
Que ditosa violência, que socorre,  
Em tal ocasião, a minha falta!  
Já tenho com que pague ao meu vigário,  
Já tenho com que pague a cera, a cova,  
A mortalha, o caixão, e mais os padres."  
Assim o bom viúvo discorria,  
Quando pega no embrulho, e mal o rasga,  
Encontra, Doroteu, confeitos grandes,  
Encontra manuscriti e rebuçados.  
Que é isso, Doroteu, de novo pasmas?  
De novo desconfias da verdade ?  
Amigo Doroteu, o nosso chefe  
Estudou medicina, e como alcança  
Que o chorar faz defluxo, providente  
Ministra rebuçados a quem chora,  
Para, com eles, acudir-lhe ao peito.  
Principiam os touros, e se aumentam  
Do chefe as parvoíces. Manda à praça  
Sem regra, sem-discurso e sem concerto.  
Agora sai um touro levantado,  
Que ao mau capinha, sem fugir, espera.  
Acena-lhe o capinha, ele recua

E atira com as mãos, ao ar, a terra.  
Acena-lhe o capinha novamente,  
De novo raspa o chão e logo investe  
Lá vai o mau capinha pelos ares.  
Lá se estende na areia, e o bravo touro  
Lhe dá, com o focinho, um par de tombos  
Nem deixa de pisá-lo, enquanto o néscio  
Não segue o meio de fingir-se morto.  
Meu esperto boizinho, em paz te fica,  
Que o nosso chefe ordena te recolham  
Sem fazeres mais sorte, e te reserva  
Para ao curro saíres, quando forem  
Do Senhor do Bonfim as grandes festas.  
Agora sai um touro, que é prudente.  
Se o capinha o procura, logo foge.  
Os caretas lhe dão mil apupadas  
Um lhe pega no rabo, e o segurâ,  
Outro intenta montá-lo, e o grande chefe  
O deixa passear por largo espaço.  
Manda soltar-lhe os cães, manda meter-lhe  
As garrochas de fogo, que primeiro  
Quem rompam do ligeiro bruto  
Nos destros dedos do capinha estalam.  
Com estes maus festejos, que aborrecem,  
Se gastam muitos dias. Já o povo  
Se cansa de assistir na triste praça  
E, ao ver-se solitário, o bruto chefe  
Nos trata por incultos, mais ingratos.  
Soberbo e louco chefe, que proveito  
Tiraste de gastar em frias festas  
Imenso cabedal, que o bom Senado  
Devia consumir em coisas santas ?  
Suspiram pobres amas e padecem  
Crianças inocentes, e tu podes  
Com rosto enxuto ver tamanhos males?  
Embora! sacrifica ao próprio gosto  
As fortunas dos povos que governas;  
Virá dia em que mão robusta e santa  
Depois de castigar-nos, se condoa  
E lance na fogueira as varas torpes.  
Então rirão aqueles que choraram,  
Então talvez que chores, mas de balde.  
Que suspiros e prantos nada lucram  
A quem os guarda para muito tarde.

### Carta 7ª

Há tempo, Doroteu, que não prossigo  
Do nosso Fanfarrão a longa história.

.....  
.....  
.....  
.....

Que não busque cobrí-los com tal capa,  
Que inda se persuada que os maís homens  
Lh'os ficam respeitando, como acertos .  
Enquanto ao conhecer destes despejos,

Pespega à lei a boa inteligência,  
Que extensiva se chama. Sim, entende  
Que aonde o rei ordena que só haja  
Recurso a ele mesmo, nos faculta  
Recurso aos generais, pois que estes fazem,  
Em tudo, e mais que em tudo, as suas vezes.  
Ah! dize, meu amigo, se podia  
Dar-lhe outra inteligência o mesmo Acúrsio .  
Esse grande doutor, que já nos finge,  
Nos princípios de Roma, conhecida  
A Divina Trindade, e que pondera  
Que do cão, que na palha está deitado,  
A velha fúria, lei se diz canina.  
Maldito, Doroteu, maldito seja  
O pai de Fanfarrão, que deu ao mundo,  
Ao mundo literário tanta perda,  
Criando ao hábil filho numa corte,  
Qual morgado, que habita em pobre aldeia!  
Ah ! se ele, doce amigo, assim discorre,  
Sabendo apenas ler redonda letra,  
Que abismo não seria, se soubesse  
Verter o breviário em tosca prosa.  
Se entrasse em Salamanca, e ali ouvisse  
Explicar a questão daquela escrava  
Que foi manumetida em testamento,  
Se três filhos parisse, e outras muitas  
Que os lentes nos ensinam, desta casta !  
Enquanto, Doroteu, ao outro ponto  
De julgar aos expulsos inocentes,  
Também razão lhe dou, porque, primeiro  
Se informa com aqueles, que os réus dizem  
Que sabem, mais que todos, do seu caso.  
Nem é de presumir que estes lhe falem  
A verdade, jurando, pois têm alma.  
Sê boa testemunha, meu paizinho  
A quem o vulgo chama Pé-de-Pato.  
Confessa se não foste o que juraste  
Que deste uma denúncia e fora falsa.  
Indigno e bruto chefe, em que direito  
Entendes que se firmam tais processos ?  
Um réu, a quem condena um magistrado,  
Pode mostrar o injusto da sentença  
Dando umas testemunhas que juraram  
Sem haver citação da sua parte ?  
Dando umas testemunhas inquiridas  
Por juiz que não pode perguntá-las ?  
E como, louco chefe, e como sabes  
Que a defesa convence, se nem viste  
Os autos, em que a culpa está formada ?  
Suponho que juraram novamente  
Aqueles mesmos que as denúncias deram:  
O segundo e contrário juramento  
Não é que se reputa, sempre, o falso ?  
E quem chega a comprar um grande chefe  
Não pode inda melhor comprar um negro ?  
Amigo Doroteu, estes pretextos  
São como as bigodeiras, que não podem  
Fazer se não conheçam as pessoas,  
Que dançam nos teatros por dinheiro.  
Não lucra, doce amigo, o nosso chefe

Somente em revogar os extermínios  
Que fazem os ministros: ele mesmo  
Ordena se despejem os ricaços,  
Ainda que estes vivam sem suspeita  
Do infame contrabando. Desta sorte  
Os obriga, também, a vir à tenda  
Comprar, por grossas barras, seus despachos.  
Todos largam, enfim, e todos entram  
No vedado distrito, sem que importe  
Haver ou não haver de crime indicio.  
Só tu, meu Josefino, sô tu ficas  
No mandado desterro, por teimares  
Em não querer largar, ao vil Matúcio,  
Uns tantos mil cruzados, que pedia.  
Só tu... porem, amigo, é tempo, é tempo  
De fechar esta carta, pois, ainda  
Que a matéria, por nova, te deleite,  
A muita difusão também enfada.  
Eu a pena deponho, e só te peço  
Que tomes a lição, que te apresenta  
O nosso Fanfarrão, no seu mulato.  
Não desfaças, amigo, as ruças becas.  
Vai-as distribuindo aos teus lacaios,  
Bem como faz o chefe às suas fardas,  
Que, enquanto estes as rompem, poupam  
As librés amarelas asseadas.

### Carta 8ª

*Em que se trata da venda dos despachos e contratos*

Os grandes, Doroteu, da nossa Espanha  
Têm diversas herdades: uma delas  
Dão trigo, dão centeio e dão cevada,  
As outras têm cascatas e pomares,  
Com outras muitas peças, que só servem,  
Nos calmosos verões, de algum recreio.  
Assim os generais da nossa Chile  
Têm diversas fazendas: numas passam  
As horas de descanso, as outras geram  
Os milhos, os feijões e os úteis frutos  
Que podem sustentar as grandes casas.  
As quintas, Doroteu, que mais lhes rendem,  
Abertas nunca são do torto arado.  
Quer chova de contínuo, quer se gretem  
As terras, ao rigor do sol intenso,  
Sempre geram mais frutos do que as outras,  
No ano em que lhes corre, ao próprio, o tempo.  
Estas quintas, amigo, não produzem  
Em certas estações, produzem sempre,  
Que os nossos generais, tomando a foice,  
Vão fazer, nas searas, a colheita.  
Produzem, que inda é mais, sem que os bons chefes  
Se cansem com amanhos, nem, ainda,  
Com lançarem, nos sulcos, as sementes.  
Agora dirás tu, de assombro cheio:  
"Que ditosas campinas! Dessa sorte

Só pintam os Eliseos os poetas."  
Amigo Doroteu, és pouco esperto;  
As fazendas que pinto não são dessas  
Que têm, para as culturas, largos campos  
E virgens matarias, cujos troncos  
Levantam, sobre as nuvens, grossos ramos.  
Não são, não são fazendas onde paste  
O lanudo carneiro e a gorda vaca,  
A vaca, que salpica as brandas ervas  
Com o leite encorpado, que lhe escorre  
Das lisas tetas, que no chão lhe arrastam.  
Não são, enfim, herdades, onde as louras  
Zunidoras abelhas de mil castas,  
Nos côncavos das árvores já velhas,  
Que bálsamos destilam, escondidas,  
Fabriquem rumas de gostosos favos.  
Estas quintas são quintas só no nome,  
Pois são os dois contratos, que utilizam  
Aos chefes, inda mais que ao próprio Estado.  
Cada triênio, pois, os nossos chefes  
Levantam duas quintas ou berdades,  
E, quando o lavrador da terra inculta  
Despende o seu dinheiro, no princípio,  
Fazendo levantar, de paus robustos,  
As casas de vivenda e, junto delas,  
Em volta de um terreiro, as vis senzalas,  
Os nossos generais, pelo contrário,  
Quando estas quintas fazem, logo embolsam  
Uma grande porção de louras barras.  
A primeira fazenda, que o bom chefe  
Ergueu nestas campinas, foi a grande  
Herdade, que arrendou ao seu Marquésio.  
As línguas depravadas espalharam  
Que, para o tal Marquésio entrar de posse,  
Largara ao grande chefe, só de luvas,  
Uns trinta mil cruzados; bagatela!  
Os mesmos maldizentes acrescentam  
Que o pançudo Robério fora aquele  
Que fez de corretor no tal contrato.  
Amigo Doroteu, eu tremo e fujo  
De encarregar minha alma. O bom Vergílio  
Talvez, talvez que aflito se revolve,  
No meio da fogueira devorante,  
Por dizer que adorara, ao pio Enéias,  
Uma casta rainha, cujos ossos  
Estavam no sepulcro, já mirrados,  
Havia coisa de trezentos anos.  
Eu não te afirmo, pois, que se fizesse  
A venda vergonhosa; só te afirmo  
Que o mundo assim o julga, e que esta fama  
Não deixa de firmar-se em bons indícios.  
As leis do nosso reino não consentem  
Que os chefes dêem contratos, contra os votos  
Dos retos deputados que organizam  
A Junta de Fazenda, e o nosso chefe  
Mandou arrematar, ao seu Marquésio,  
O contrato maior, sem ter um voto  
Que favorável fosse aos seus projetos.  
As mesmas santas leis jamais concedem  
Que possa arrematar-se algum contrato

Ao rico lançador, se houver na praça  
Um só competidor de mais abono;  
E o nosso general mandou se desse  
O ramo ao lançador, que apenas tinha  
Uns vinte mil cruzados, em palavra,  
Deixando preterido outro sujeito  
De muito mais abono, e a quem devia  
Um grosso cabedal o régio erário.  
Mal acaba Marquésio o seu triênio,  
Outro novo triênio lhe arremata,  
Sem que um membro da Junta em tal convenha;  
E, tendo o tal Marquésio, no contrato,  
Perdido grandes somas, lhe dispensa  
Outras fianças dar à nova renda.  
Amigo Doroteu, o nosso chefe,  
Que procura tirar conveniência  
Dos pequenos negócios e despachos,  
Daria este contrato ao bom Marquésio,  
Este grande contrato, sem que houvesse,  
De paga equivalente, ajuste expresso?  
Amigo Doroteu, se não sou sábio,  
Não sou, também, tão néscio, que nem saiba  
Das premissas tirar as consequências.  
Agora dirás tu: "Se o patrimônio  
De Marquésio consiste, como afirmas,  
Em vinte mil cruzados, em palavra,  
Como, de luvas, deu ao chefe os trinta?"  
Amigo Doroteu, estou pilhado;  
A palavra, que sai da boca fora,  
É corno a calhoadá, que se atira,  
Que já não tem remédio; paciência.  
Eu as ervas arranco, e, desde agora,  
Contigo falarei com mais cautela.  
Mas que vejo? Tu ris-te? Acaso pensas  
Que me tens apanhado na verdade?  
A mim nunca apanharam os capuchos,  
Quando, no raso assento, defendia  
Que a natureza não tolera o vácuo,  
Que os cheiros são ocultas entidades,  
Com outras mil questões da mesma classe.  
E tu, meu doce amigo, pertendias  
Convencer-me em matéria em que dar posso  
A todos, de partido a sota e o basto  
Desiste, Doroteu, do louco intento,  
Faze uma grande cruz na lisa testa,  
Dá figas ao demônio, que te atenta.  
Ora ouve a solução desse argumento:  
Bem que pingante seja quem remata  
Este grande contrato, mercadeja  
Com perto de um milhão; por isso todos  
Lhe emprestam prontamente os seus dinheiros.  
Os chefes, Doroteu, que só procuram  
De barras entulhar as fortes burras,  
Desfrutam juntamente as mais fazendas,  
Que os seus antecessores levantaram.  
Nem deixam descansar as férteis terras  
Enquanto não as põem em sambambaia.  
Aqui agora tens, meus Silverino,  
O teu próprio lugar. Tu és honrado,  
E prezas, como eu prezo, a sã verdade;

Por isso nos confessas que tu ganhas  
A graça deste chefe, porque envias,  
Pela mão de Matúcio, seu agente  
Em todos os trimestres, as mesadas.  
Eu sei, meu Silverino, que quem vive  
Na nossa infeliz Chile, não te impugna  
Tão notória verdade. Porém deve  
Correr estranhos climas esta história,  
E, como tu não vás, também, com ela,  
É justo que lhe ponha algumas provas.  
A sábia lei do reino quer e manda  
Que os nossos devedores não se prendam.  
Responde agora tu, por que motivo  
Concede o grande chefe que tu prendas  
A quantos miseráveis te deverem?  
Porque, meu Silverino? Porque largas,  
Porque mandas presentes, mais dinheiro.  
As mesmas leis do reino também vedam  
Que possa ser juiz a própria parte.  
Responde agora mais, por que princípio  
Consente o nosso chefe, que tu sejas  
O mesmo que encorrente a quem não paga?  
Porque, meu Silverino? Porque largas,  
Porque mandas presentes, mais dinheiro.  
Os sábios generais reprimir devem  
Do atrevido vassalo as insolências;  
Tu metes homens livres no teu tronco,  
Tu mandas castigá-los, como negros;  
Tu zombas da justiça, tu a prendes;  
Tu passas portais ordenando  
Que com certas pessoas não se entenda.  
Porque, por que razão o nosso chefe  
Consente que tu faças tanto insulto,  
Sendo um touro, que parte ao leve aceno?  
Porque, meu Silverino? Porque largas  
Porque mandas presentes, mais dinheiro.  
A lei do teu contrato não faculta  
Que possas aplicar aos teus negócios  
Os públicos dinheiros. Tu, com eles,  
Pagaste aos teus credores grandes somas!  
Ordena a sábia Junta, que dê logo  
Da tua comissão estreita conta;  
O chefe não assina a portaria,  
Não quer que se descubra a ladroeira,  
Porque te favorece, ainda à custa  
Dos régios interesses, quando finge  
Que os zela muito mais que as próprias rendas.  
Porque, meu Silverino? Porque largas,  
Porque mandas presentes, mais dinheiro.  
Apenas apareces... Mas não posso  
Só contigo gastar papel e tempo.  
Eu já te deixo em paz, roubando o mundo,  
E passo a relatar, ao caro amigo,  
Os estranhos sucessos que ainda faltam;  
Nem todos lhe direi, pois são imensos.  
Pretende, Doroteu, o nosso chefe  
Mostrar um grande zelo nas cobranças  
Do imenso cabedal que todo o povo,  
Aos cofres do monarca, está devendo.  
Envia bons soldados às comarcas,

E manda-lhe que cobrem, ou que metam,  
A quantos não pagarem, nas cadeias.  
Não quero, Doroteu, lembrar-me agora  
Das leis do nosso augusto; estou cansado  
De confrontar os fatos deste chefe  
Com as disposições do são direito;  
Por isso pintarei, prezado amigo,  
Somente a confusão e a grã desordem  
Em que, a todos, nos pôs tão nova idéia.  
Entraram, nas comarcas, os soldados,  
E entraram a gemer os tristes povos.  
Uns tiram os brinquinhos das orelhas  
Das filhas e mulheres; outros vendem  
As escravas, já velhas, que os criaram,  
Por menos duas partes do seu preço.  
Aquele que não tem cativo, ou jóia,  
Satisfaz com papéis, e o soldadinho  
Estas dívidas cobra, mais violento  
Do que cobra a justiça uma parcela  
Que tem executivo aparelhado,  
Por sábia ordenação do nosso reino.  
Por mais que o devedor exclama e grita  
Que os créditos são falsos, ou que foram  
Há muitos anos pagos, o ministro  
Da severa cobrança a nada atende;  
Despeza estes embargos, bem que o triste  
Proteste de os provar incontinenti.  
Não se recebem só, prezado amigo,  
Os créditos alheios, para embolso  
Das dividas fiscais. O soldadinho  
Descobre um ramo, aqui, de bom comercio:  
Aquele que não quer propor demandas  
Promete-lhe a metade, ou mais, ainda,  
Das somas que lhe entrega, e ele as cobra  
Fingindo que as tomou em pagamento  
Das dividas do rei. Ainda passa  
A mais esta desordem: faz penhoras  
E manda arrematar, ao pé da igreja,  
As casas, os cativos, mais as roças.  
Agora, Fanfarrão, agora falo  
Contigo, e só contigo. Por que causa  
Ordenas que se faça uma cobrança  
Tão rápida e tão forte contra aqueles  
Que ao erário só devem tênues somas?  
Não tens contratadores, que ao rei devem,  
De mil cruzados centos e mais centos?  
Uma só quinta parte, que estes dessem,  
Não matava, do erário, o grande empenho?  
O pobre, porque é pobre, pague tudo,  
E o rico, porque é rico, vai pagando  
Sem soldados à porta, com sossego!  
Não era menos torpe, e mais prudente  
Que os devedores todos se igualassem?  
Que, sem haver respeito ao pobre ou rico,  
Metessem, no erário, um tanto certo,  
À proporção das somas que devessem?  
Indigno, indigno chefe! Tu não buscas  
O público interesse. Tu só queres  
Mostrar ao sábio augusto um falso zelo,  
Poupando, ao mesmo tempo, os devedores,

Os grossos devedores, que repartem  
Contigo os cabedais, que são do reino.  
Talvez, meu Doroteu, talvez que entendas  
Que o nosso Fanfarrão estima e preza  
Os rendeiros que devem, por sistema:  
Só para ver se os ricos desta terra,  
A força de favores animados,  
Se esforçam a lançar nas régias rendas.  
Amigo Doroteu, o nosso chefe,  
Se faz alguma coisa, é só movido  
Da loucura, ou do sórdido interesse.  
Eu vou, prezado amigo, eu vou mostrar-te  
Esta santa verdade, com exemplos.  
Morre um contratador e se nomeia,  
Para tratar dos bens, um seu parente,  
Que Ribério se chama. Não te posso  
Explicar o fervor com que Ribério  
Demanda os devedores, vence e cobra  
Os cabedais dispersos desta herança.  
Estava quase extinto o que devia  
A fazenda do rei; então o chefe  
Lhe ordena satisfaça todo o resto,  
No peremptório termo que lhe assina.  
Exclama o bom Ribério que não pode,  
Pois todo o cabedal, que tem cobrado,  
Ou está, nas demandas, consumido,  
Ou tem entrado, já, no régio erário.  
E, para bem mostrar esta verdade,  
Suplica ao grande chefe, que lhe escolha  
Um reto magistrado, que lhe tome,  
Da sua comissão, estreita conta.  
Pois isto, Doroteu, não vale nada:  
Sem contas lhe tomarem, manda o chefe  
Que gema na cadeia, até que pague.  
Já viste uma insolência semelhante?  
Aos grandes devedores, não se assinam  
Os termos peremptórios para a paga,  
Nem vão para as cadeias, bem que comam  
A fazenda do rei e só Ribério,  
Sendo um procurador, que nada deve,  
Vai viver na prisão, por tempos largos?  
Amigo Doroteu, o nosso chefe  
Patrocina aos velhacos, que lhe mandam,  
Para que mais lhe mandem. Prende e vexa  
Aos justos, que entesouram suas barras,  
Para ver se, oprimidos, se resolvem  
A seguir os caminhos dos que largam.  
Remata-se um contrato a um sujeito,  
Que o pode bem pagar, por mais que perca  
Pertende um fiador deste contrato  
Ir tratar, no Peru, do seu comercio;  
Vai licença pedir ao grande chefe,  
E o chefe lha concede. Escuta agora;  
Ouvirás uma ação, a mais indigna  
De quantas, por marotos, se fizeram:  
Apenas o tal homem sai da terra,  
Se despede uma esquadra de soldados  
Que, mal com ele topa, lhe dá busca.  
As cargas se revolvem, nem lhe escapam  
As grosseiras cangalhas, que se quebram.

Não acham contrabandos, porem, sempre,  
Lhe tomam os dinheiros, que ele leva.  
E o grande chefe ordena que se metam  
No régio erário todos, inda aqueles,  
Que são de vários donos. Dize, amigo,  
Já viste uma injustiça assim tão clara?  
Aos grossos devedores não se tomam  
Os seus próprios dinheiros, bem que tenham  
Comido os cabedais dos seus contratos  
E, ao simples fiador de um rematante,  
Que nada, ainda, deve, e que tem muito,  
Vão-se, à força, tomar os seus dinheiros,  
E os dinheiros, que é mais, de estranhas partes!  
Agora, Doroteu, não tens que digas,  
Hás de, enfim, confessar, que o nosso chefe  
Somente não oprime a quem lhe larga.  
Ora, ouve as circunstâncias que inda crescem  
E que inda afeiam mais o torpe caso:  
Espalham as más línguas, que Matúcio  
Pedira ao tal sujeito lhe comprasse,  
Uns finos guardanapos e toalhas;  
Que o fiador mesquinho lh'os trouxera  
E, vendo que Matúcio se esquecia,  
Lhe chegou a pedir, sem peio, a paga.  
Que o chefe, ressentido desta injúria,  
Lhe mandou dar a busca por vingança,  
E que até ao presente inda não consta  
Que o preço da encomenda se pagasse.  
Que mais pode fazer o seu lacaio?  
Isto não é mais feio, que despir-se  
A preciosa capa ao grande Jove  
E mandar-se tirar ao sábio filho,  
O famoso Esculápio, as barbas de ouro?  
Amigo Doroteu, se acaso vires,  
Na corte, algum fidalgo pobre e roto,  
Dize-lhe que procure este governo;  
Que, a não acreditar que há outra vida,  
Com fazer quatro mimos aos rendeiros,  
Há de à pátria voltar, casquilho e gordo.

### Carta 9ª

*Em que se contam as desordens que Fanfarrão obrou no governo das tropas.*

Agora, Doroteu, agora estava  
Bamboando, na rede preguiçosa  
E tomando, na fina porçolana,  
O mate saboroso, quando escuto  
De grossa artilharia o rouco estrondo.  
O sangue se congela, a casa treme,  
E pesada porção de estuque velho,  
A violência do abalo despegada  
Da barriguda esteira, faZ que eu perca  
A tigela esmaltada, que era a coisa  
Que tinha, nesta casa, de algum preço.  
Apenas torno em mim daquele susto,  
Me lembra ser o dia em que o bom chefe,

Aos seus auxiliares, lições dava  
Da que Saxi chamou pequena guerra.  
Amigo Doroteu, não sou tão néscio,  
Que os avisos de Jove não conheça.  
Pois não me deu a veia de poeta,  
Nem me trouxe, por mares empolados,  
A Chile, para que, gostoso e mole,  
Descanse o corpo na franjada rede.  
Nasceu o sábio Homero entre os antigos,  
Para o nome cantar, do grego Aquiles;  
Para cantar, também, ao pio Enéias,  
Teve o povo romano o seu Vergílio:  
Assim, para escrever os grande feitos  
Que o nosso Fanfarrão obrou em Chile,  
Entendo, Doroteu, que a Providência  
Lançou, na culta Espanha, o teu Critilo.  
Ora pois, Doroteu, eu passo, eu passo  
A cumprir, respeitoso, os meus deveres  
E, já que o meu herói, agora, adestra  
Esquadras belicosas, também, hoje,  
Tomarei por empresa só mostrar-te  
Que ele fez, na milícia, grandes coisas.  
Ha, nesta capital, um regimento  
De tropa regular, a quem se daga.  
Tu sabes, Doroteu, que não há corpo  
Que, todo, de iguais membros se componha.  
Das ordens mais austeras, que fizeram  
Os santos penitentes patriarcas,  
Saíram, contra o trono rebelados,  
Os infames Clementes, e saíram  
Contra o dogma, os Calvinos e os Luteros;  
O mesmo Apostolado teve um Judas.  
Se isto pois, Doroteu, assim sucede  
Nos corpos, que se formam de escolhidos,  
Que não sucederá, nos grandes corpos,  
Aonde se recebam as pessoas  
Que timbre fazem, dos seus próprios vícios?  
O meio, Doroteu, o forte meio  
Que os chefes descobriram para terem  
Os corpos que governam, em sossego,  
Consiste em repartirem com mão reta  
Os prêmios e os castigos, pois que poucos  
Os delitos evitam, porque prezam  
A cândida virtude. Os mais dos homens  
Aos vícios fogem, porque as penas temem.  
Ora ouve, Doroteu, o como o chefe  
Os castigos reparte aos seus guerreiros.  
Não há, não há distúrbio nesta terra,  
De que mão militar não seja autora.  
Chega, prezado amigo, a ousadia  
De um indigno soldado a este excesso:  
Aperta, na direita, o ferro agudo  
E penetra as paredes de palácio,  
No meio de uma sala, aonde estavam  
As duas sentinelas, que defendem,  
Da casa do dossel, a nobre entrada.  
Aqui, meu Doroteu, aqui se chega  
Ao camarada inerme e, pelas costas,  
O deixa quase morto, a punhaladas.  
Que esperas tu, agora, que eu te diga?

Que o militar conselho já se apressa?  
Que já se liga, ao poste, o delinqüente?  
Que os olhos, com o lenço, já lhe cobrem?  
Que a bala zunidora já lhe rompe  
O peito palpitante? Que suspira?  
Que lhe cai, sobre os ombros, a cabeça?  
Meu caro Doroteu, o nosso chefe  
É muito compassivo, sim, bem pode  
Oprimir os paisanos inocentes  
Com pesadas cadeias, pode, ainda,  
Ver o sangue esguichar das rotas costas  
À força dos zorragues, mas não pode  
Consentir que se dê, nos seus soldados,  
Por maiores insultos que cometam,  
A pena inda mais leve: assim praticam  
Os famosos guerreiros, que nasceram  
Para obrarem, no mundo, empresas grandes.  
Ele, sim bem conhece que não há-de  
Talar, com estas tropas, as campinas,  
Que o céu lhe não concede a esperança  
De entrar no templo augusto da Vitória,  
Coberto de poeira e negro sangue.  
Mas sempre, Doroteu, as quer propicias,  
Pois, inda que não cinjam as espadas,  
Para cortar loureiros e carvalhos,  
Que a testa lhes circulem, são aquelas  
Que, prontas, executam seus mandados;  
São aquelas, que infundem, nestes povos,  
O medo e sujeição, com que toleram  
O verem em desprezo as leis sagradas.  
Conhece, Doroteu, o próprio chefe,  
Que vai passando a muito a liberdade  
Das fardas atrevidas, e, querendo  
A tais desordens pôr remédio e freio,  
Não manda que se cumpram as leis santas  
Que, aos delitos, arbitram justas penas.  
Manda, sim, um cartaz, aonde inova  
Que, todos os domingos, na parada,  
Se leia o militar regulamento.  
Indigno e bruto chefe, de que serve  
Que se leiam as leis, se os malfeitores,  
Do que mandam, não vêem um só exemplo.  
Tens visto, Doroteu, o como o chefe  
Os delitos castiga; agora sabe  
Da sorte que reparte, aos bons, os prêmios.  
Morreu um capitão, e subiu logo,  
Ao posto devoluto, um bom tenente.  
Porque foi, Doroteu? seria, acaso,  
Por ser tenente antigo? Ou porque tinha  
Com honra militado? Não, amigo,  
Foi só porque largou três mil cruzados!  
Ah! não mudes a cor de teu semblante,  
Prudente Maximino! Não, não mudes.  
Que importa que comprasses a patente?  
Se tu a merecias, a vileza  
Da compra não te infama, sim ao chefe,  
Que nunca faz justiça, sem que a venda.  
Reforma um capitão e, no seu posto,  
Encaixa, sem vergonha, a Tomazine,  
Um moço, na milícia pouco esperto,

Que um ano inda não tinha de tenente.  
Em que guerras andou, em que campanhas?  
Quais as feridas, que no corpo mostra?  
Aonde, aonde estão as diligências,  
As grandes diligências arriscadas,  
Que fez este mancebo, com que possa  
Preferir aos antigos, destros cabos?  
Ah! sim, eu já me lembro! Tem serviços,  
Tem famosos serviços, na verdade:  
A casa deste moço, bem que pobre,  
É a casa somente, aonde o chefe  
Entra em ar de visita, bebe e folga.  
Aqui tens teu lugar, meu bom Lobésio;  
Tu foste a capitão e tu passaste  
Ao posto de major em breves meses.  
Quais são os teus serviços? Quais? Responde.  
Mas não, não me respondas; eu conheço  
Que és tolo, que és brejeiro e, mais, que mandas  
As redradas pedrinhas. Estes dotes  
Te fazem, no conceito do teu chefe,  
Um digno pai da pátria, herói do reino.  
Também tu, ó Padela, te distingues  
Na corja dos marotos. Tu conservas  
De capitão o cargo, mas tu logras  
O soldo de maior, e mais as honras.  
Que foi que te fez digno de subires  
À privança do chefe? Ah! sim, eu vejo  
O teu merecimento! É coisa grande:  
Ultras aos ministros e proteges  
A todos os tratantes, que exercitam  
O furto e o contrabando. Tu, piedoso,  
Não queres ver perdido um só soldado;  
Se algum, se algum consente que se escalem  
Os vedados lugares, tu escreves  
Ao sucessor honrado e lhe suplicas  
Que parte não te dê, de um tal desmancho.  
O teu fidalgo peito não se vence  
Da sórdida avareza. Tu repartes  
Os luzentes seixinhos c' o teu chefe,  
E, bem que o seu Matúsio, em nome dele,  
Os ache miudinhos, sempre servem.  
Também tu, digno irmão, também cavalgas  
O posto de tenente, por dizeres  
Que honrado comandante, na parada,  
Austero te corrige, por falares  
Dos retos magistrados, sem respeito.  
Que vezes a cachaça... Mas, amigo,  
Deixemos de falar na paga tropa  
E vamos a falar do grande corpo  
Da gente auxiliar; aqui podemos  
Acabar de dizer o mais que falta.  
Tinha este continente, levantados,  
De tropa auxiliar uns treze corpos.  
O nosso chefe ainda não se farta:  
Alista o povo inteiro, e, dele, forma  
Inda mais de quarenta regimentos,  
Mais faminto de ver galões e fardas  
Que Midas de trocar em ouro puro  
As coisas em que punha o torpe dedo.  
O coronel, valente, agarra tudo

Quanto tem, de varão, a forma e traje;  
Nem lhe obsta, Doroteu, que os seus soldados  
Meninos inda sejam; que eles crescem,  
E cresce, com os corpos, igualmente,  
O santo amor das armas. Muitos, muitos,  
Quando vão para a igreja receberem  
As águas salvadoras do batismo,  
Já vão vestidos com a curta farda.  
Este mesmo costume tem, amigo,  
O pago regimento. Apenas nasce  
Aos cabos algum filho, logo, à pressa,  
Lhe assenta o chefe, de cadete, a praça  
Venturoso costume, que promete  
Produzir, de cordeiros, tigres bravos!  
Aníbal, Doroteu, desde menino  
Com seu pai militou; talvez não fosse  
O terror dos romanos, se passasse  
A tenra, inda imberbe mocidade,  
Entre os moles prazeres de Cartago.  
Contudo, Doroteu, o céu permita  
Que guerras não tenhamos; pois, a termos  
Algum acampamento, que constranja  
A saírem da praça os regimentos,  
Há de haver bom trabalho em conduzir-se  
O rancho de crianças em jacases.  
Há-de, também, haver despesa grande  
Em levar-se uma tropa de mulheres,  
Que dêem o peito a uns e a outros papa.  
Tu sabes, Doroteu, que as nossas tropas  
De infantaria são, porem montada;  
Que as leis do nosso reino não consentem  
Que estas montadas tropas se componham  
De membros, que não tenham certas rendas,  
Com que possam manter os seus cavalos.  
Ora ouve, Doroteu, quais são as posses  
Dos míseros paisanos, que se alistam  
Nos fortes regimentos: quase todos  
Um sendeiro não têm, e muitos deles  
Gemeram nas prisões, por não poderem  
Ajeitar uma grossa e curta farda.  
Eu topei Doroteu, por várias vezes,  
Atrás de um regimento, os rapazinhos  
Em veste e mais descalços: fina idéia  
Em que deram os cabos, para verem  
Se, à força de vergonha, se fardavam.  
Eu sei, eu sei, amigo, que alguns destes,  
Cansados de sofrerem mais opróbrios,  
Fizeram fardamentos dos produtos  
Dos únicos escravos, que venderam  
E dos trastes alheios, que furtaram.  
Perguntarás, agora, doce amigo:  
"Aonde estão os ricos taverneiros?  
Aonde os mercadores, que têm lojas  
A que chamam de seco e de molhado?"  
Aonde, Doroteu? Eu já t'ó digo:  
Estão, estão, também, nos regimentos,  
Mas trazem nas direitas, que conservam  
Inda lixosas peles, as bengalas.  
Não rias, Doroteu, das nossas tropas.  
De que gente formou um corpo invicto

O luso Viriato? Foi de moços  
Criados, desde a infância, nas campanhas?  
Não foi, meu Doroteu, foi de uns pastores,  
De uns pastores incultos, que, animados  
Do esforço do seu chefe, conseguiram  
Vitórias singulares, contra um povo  
Que ao mundo sujeitou, à força de armas.  
Os homens, Doroteu, são todos fortes  
Em cima das muralhas, que defendem  
As chorosas mulheres e as fazendas,  
Os ternos filhos e os avós cansados.  
A desordem, amigo, não consiste  
Em formar esquadrões, mas, sim, no excesso.  
Um reino bem regido não se forma  
Somente de soldados; tem de tudo:  
Tem milícia, lavoura, e tem comércio.  
Se quantos forem ricos se adornarem  
Das golas e das bandas, não teremos  
Um só depositário, nem os órfãos  
Terão também tutores, quando nisto  
Interessa, igualmente, o bem do império.  
Carece a monarquia dez mil homens  
De tropa auxiliar? Não haja embora  
De menos um soldado, mas os outros  
Vão à pátria servir nos mais empregos,  
Pois os corpos civis são como os nossos,  
Que, tendo um membro forte e os outros deveis,  
Se devem, Doroteu, julgar enfermos.  
É também, Doroteu, contra a policia  
Franquearem-se as portas, a que subam  
Aos distintos empregos, as pessoas  
Que vêm de humildes troncos. Os tendeiros,  
Mal se vêem capitães, são já fidalgos;  
Seus néscios descendentes já não querem  
Conservar as tavernas, que lhes deram  
Os primeiros sapatos e os primeiros  
Capotes com capuz de grosso pano.  
Que império, Doroteu, que império pode  
Um povo sustentar, que só se forma  
De nobres sem ofícios? Estes membros  
Não amam, como devem, as virtudes,  
Seguem à rédea solta os torpes vícios.  
Daqui saem os torpes malfeitores,  
Os vis alcoviteiros, os perjuros,  
Os famosos ladroes; numa palavra,  
A tropa insultadora de vadios.  
A este corpo imenso de milícia  
Concede Fanfarrão as regalias  
Que as nossas leis não dão aos bons vassallos,  
Que chegam aos empregos mais honrosos,  
Em paga de proezas e serviços.  
Não quer, não quer o chefe, que aos seus cabos  
Mandem citar os tristes acredores  
Por ordem de justiça. Quais os grandes,  
Que não vêm a juízo sem licença  
Do príncipe, a quem servem, nesta terra,  
Sem licença do chefe, não se citam  
Os negros, os crioulos e os mulatos,  
Mal vestem a fardinha e, muito menos,  
Mal cingem, na cintura, honrosa banda.

Se alguém requer ao chefe que permita  
Para isso faculdade, põe-lhe em cima  
De humilde petição, que o suplicado  
Componha ao suplicante o que lhe deve.  
Se diz o suplicado ao suplicante  
Que não lhe deve nada, foi-se embora  
O sólido direito, que a policia  
Do chefe não consente que se ponha  
Aos seus oficiais, inda que sejam  
Velhacos e ladrões, no foro, um pleito.  
Já viste regalia igual a esta?  
A pátria, Doroteu, concede aos nobres,  
Que os postos exercitam, grossas rendas,  
Com que possam pagar, aos mais vassallos  
As coisas que lhes compram; não concede  
Ao mesmo general que vista e coma,  
À custa do suor dos outros homens.  
E quando o rei não quer pagar a todos,  
Com dinheiro contado, remunera  
Os serviços com graças, mas daquelas  
Que deixam sempre intacto o jus alheio.  
Não são somente isentos da justiça  
Os cabos valerosos. Onde habitam,  
Se acolhem, Doroteu, os malfeitores,  
E, quais antigas casas de fidalgos,  
Ou famosos conventos, que, na porta,  
Têm as grossas cadeias, onde pegam  
Os míseros culpados, aqui todos  
Se livram dos meirinhos, bem que sejam  
Indignos, torpes réus de magistrado.  
Se os ousados meirinhos entrar querem  
Nas casas destes cabos, a que chamam  
Militares quartéis, os fortes donos  
Encaixam nas cabeças os casquetes,  
Apertam as correias, põem as bandas  
E, cingindo as torcidas, largas folhas.  
Ultrajam com palavras a justiça,  
Resistem, gritam, ferem, matam, prendem.  
Os zelosos juizes punir querem  
A injúria da justiça: formam autos,  
Procedem às devassas, pronunciam,  
E mandam que estes nomes se descrevam  
Nos róis dos mais culpados. Mas, amigo,  
De que serve fazer-se o que as leis mandam  
Na terra, que governa um bruto chefe,  
Que não tem outra lei mais que a vontade?  
O chefe onipotente logo envia  
Atrevidos soldados, que, chegando  
À casa do escrivão, os nomes riscam  
Do rol dos delinquentes e lhe arrancam  
Da fechada gaveta os próprios autos.  
Ousado, indigno chefe, que governo,  
Que governos nos fazes? A milícia  
Ergueu-se para guarda dos vassallos,  
E tu, e tu trabalhas, por que seja  
A mesma que nos prive do sossego  
Que, pródidas, nos dão as leis sagradas.  
Agora, Doroteu, talvez trabalhes  
Em achar o motivo por que o chefe  
Concede tanto indulto aos seus soldados;

Pois ele, Doroteu, não é o enigma,  
Que vem nos doces versos de Vergílio,  
De umas flores, que têm de reis os nomes  
Escritos sobre as folhas, e do sitio  
De que três braços só do céu se avista.  
O chefe, Doroteu, só quer dinheiro,  
E, dando aos militares regalias,  
Podem os grandes postos, que lhes vende,  
Subir à proporção, também de preço.  
Tu assim o conheces, Cata Preta,  
Pois deste mil oitavas por trazeres  
Lavrado castão de ouro sobre a cana.  
Tu também, capanema, assim discorres,  
Pois largaste seiscentas, por vestires  
De capitão maior vermelha farda.  
Todos assim o julgam. Ah! só pensa  
De diversa maneira, aquele néscio  
Que sofreu que Matúcio lhe rompesse  
A passada patente à sua vista,  
Por não largar, de luvas, os trezentos.  
Dize-me, Doroteu, um chefe sábio  
Levanta nas conquistas umas tropas,  
Com que não pode a força do distante  
Conquistador império? Infunde, inspira  
Nos cabos tanto orgulho, que se atrevam  
A resistir aos mesmos magistrados,  
Que a pessoa do augusto representam?  
Maldito, Doroteu, maldito seja  
Um bruto, que só quer a todo custo,  
Entesourar o sórdido dinheiro.

### Carta 10ª

*Em que se contam as desordens maiores que Fanfarrão fez no seu governo.*

Quis, amigo, compor sentidos versos  
A uma longa ausência e, para encher-me  
De ternas expressões, de imagens tristes,  
A banca fui sentar-me, com projeto  
De ler, primeiramente, algumas obras  
No meu já roto, destroncado Ovídio.  
Abri-o nas saudosas alegrias  
E, quando me embebia na leitura  
Dos casos lastimosos, que ele pinta,  
Na passagem que fez ao Ponto Euxínio  
Encontro aqueles versos que descrevem  
As ondas decumanas; de repente  
Me sobe ao pensamento que estas eram  
Do nosso Fanfarrão imagem viva.  
Os mares, Doroteu, jamais descansam;  
Agitam sem cessar as verdes águas,  
E, depois que levantam ondas nove,  
Com menos fortidão, despedem outra,  
Que corre mais ligeira e que se quebra  
Nos musgosos rochedos com mais força.  
Assim o nosso chefe não descansa  
De fazer, Doroteu, no seu governo,

Asneiras sobre asneiras e, entre as muitas,  
Que menos violentas nos parecem,  
Pratica outras que excedem muito e muito  
As raías dos humanos desconcertos.  
Perdoa, minha Nise, que eu desista  
Do intento começado. Tu mil vezes  
Nos meus olhos já leste os meus afetos,  
Não careces de os ler nos meus escritos.  
Perdoa, pois, que eu gaste as breves horas  
A contar as asneiras desumanas  
Do nosso Fanfarrão ao caro amigo.  
E tu, meu Doroteu, antes que leias  
O que vou a contar-te, jurar debes  
Pelos olhos da tua amada esposa,  
Por seu louro cabelo, e pelo dia  
Em que viste, na sua alegre boca,  
O primeiro sorriso, que não hás-de  
Duvidar do que leres, bem que sejam  
Desordens que pareçam impossíveis.  
A Junta, Doroteu, a quem pertence  
Evitar contrabandos, prende, envia  
A sabia Relação do Continente  
A trinta delinqüentes, para serem  
Castigados conforme os seus delitos.  
Entende o nosso chefe que esta Junta  
Não devia mandar aos malfeitores  
Sem sua autoridade e, dela, toma  
O mais estranho, bárbaro despique.  
Manda embargar aos presos na cadeia  
Do nosso Santiago, e manda ao pobre  
Do condutor meirinho que os sustente,  
Assistindo, também, aos que enfermarem,  
Com médicos, remédios e galinhas.  
Acaba-se o dinheiro que lhe deram  
Para fazer os gastos do caminho;  
Recorre, neste aperto, ao bruto chefe,  
Expõe-lhe que não tem com que alimente  
Ao menos a si próprio; pede e roga  
Que o deixe recolher à pátria terra,  
Para nela exercer seu pobre officio.  
Tão terna rogativa não merece  
Do chefe a compaixão; antes lhe ordena  
Que assista, como dantes, aos culpados  
De todo o necessário, na enxovia;  
Que, a faltar-lhe o dinheiro para os gastos,  
Ou que o peça, ou que o furete. Caro amigo,  
Da boca de uma Fúria sairia  
Mais dura decisão? Por que motivo  
Deve um pobre meirinho dar sustento  
A mais de trinta presos? São seus filhos?  
E, ainda a serem filhos, um pai justo,  
Que fazenda não tem, vive obrigado  
A sustentar infames malfeitores,  
Por meio de culpáveis latrocínios?  
Suponho, Doroteu, suponho ainda  
Que a Junta fez excesso na remessa  
Dos presos, sem licença. Neste caso  
Merece o condutor algum castigo?  
Ele fez outra coisa que não fosse  
Cumprir o que mandaram seus maiores?

Podia repugnar-lhes, sem delito?  
Amigo Doroteu, o nosso chefe  
É qual mulher ciosa, que não pode  
Vingar no vário amante os duros zelos,  
E vai desafogar as suas iras,  
Bebendo o sangue de inocentes filhos.  
Depois de se passarem alguns anos,  
Depois que o bom meirinho já não tinha  
Vestido que vendesse, nem pessoa  
Que um chavo lhe fiasse, o bruto chefe  
Passa a fazer-um novo despotismo:  
Ordena que os culpados sejam soltos,  
E, dizem, lhes mandava vinte oitavas,  
Para os gastos fazerem da fugida.  
Até aqui pagou o seu desgosto  
O pobre condutor; agora o paga  
A triste, aflita pátria, pois lhe aumenta,  
Dos torpes malfeitores, a quadrilha.  
É esta, Doroteu, a sua gente;  
Trafica em coisa santa, no comércio  
Da compra e mais da venda de seixinhos,  
Negócio avantajado e mais seguro  
Que o meter entre os fardos das baetas,  
Os pesados galões e as drogas finas.  
Preza o bravo leão aos leões bravos,  
A fraca pomba preza as pombas fracas,  
E o homem, apesar do raciocínio  
Que a verdade lhe mostra, estima aos homens  
Que têm iguais paixões e os mesmos vícios.  
Avisam ao bom chefe que um ministro  
Queria que os soldados lhe mostrassem  
As ordens, com que entravam a fazerem  
Prisões no seu distrito. Investe o bruto  
Qual touro levantado, a quem acenam,  
C'os vermelhos droguetes, os capinhas;  
Escreve-lhe uma carta, em que lhe ordena  
Lhe dê logo as razões, em que se funda.  
Inda pede as razões, e já lhe estranha  
O nêscio proceder. Aqui não para  
Tão rápida desordem: manda um corpo  
De ousados militares, que conduzam,  
Ao magistrado, a carta, e lhes ordena  
Que fiquem nesta vila sustentados  
A custa, Doroteu, do aflito povo.  
Não se concede ao pobre que sustente,  
Em casa, o seu soldado; manda o chefe  
Que a cada um se dê, em cada um dia.  
Para sustento, meia oitava de ouro,  
Fora milho e capim para o cavalo;  
E não entrando aqui o régio soldo.  
Que santo proceder! Um Deus irado,  
Se houvessem sete justos, perdoava  
Os imensos delitos de Sodoma,  
E o nosso grande chefe, pelo crime,  
Pelo sonhado crime de um só homem,  
Castiga, como réu de majestade,  
Formado de inocentes, todo um povo.  
Faz penhora Macedo em certas barras  
Que, a um seu devedor, devia Mévio;  
Recorre ao magistrado Silverino,

Pedindo que mandasse que o dinheiro  
A juízo viesse, pois queria  
Sobre ele disputar a preferência,  
Na forma que concede a lei do reino.  
Cita-se ao triste Mévio e deposita  
As barras em juízo, prontamente.  
Conhece Silverino que Macedo  
Para a vitória tem melhor direito,  
Não quer seguir a causa na presença  
De um reto magistrado, que profere,  
Na forma que as leis mandam, as sentenças.  
Recorre ao general, e o bruto chefe  
Decide desta sorte o longo pleito:  
Habita nesta terra um homem rico,  
Que tem de Albino o nome, e, dizem, trata  
A Mévio, devedor, por seu sobrinho.  
Manda pois, Doroteu, o grande chefe  
Que Albino se recolha na cadeia  
E more com os negros na enxovia,  
Enquanto não pagar a Silverino  
Outra tanta quantia, quanta Mévio  
Depositou, doloso, por que houvesse  
Entre os dois acredores um litígio.  
Eis aqui, Doroteu, o que é ciência!  
As nossas leis não querem que o pai solva  
O calote que fez o próprio filho  
E quer um general que Albino pague  
Da sórdida masmorra, novamente,  
A soma que pagou o bom sobrinho!  
Aonde existe o dolo? A lei não manda  
Que todo o que temer que alguém lhe peça  
Segundo pagamento, se segure  
Metendo no depósito o que deve?  
Pois se isto nos faculta o são direito,  
Que delito comete aquele triste  
Que a dívida em juízo deposita,  
Quando o sábio juiz assim o manda,  
Porque o mesmo credor assim o pede?  
E se Mévio fez dolo, por que causa  
Há-de Albino pagar a culpa dele?  
Porque lhe aconselhou que não pagasse  
Outra tanta quantia a Silverino?  
Aconselhar conforme as leis do reino  
É culpa que mereça um tal castigo?  
E pode ser castigo regulado  
Pagar o conselheiro aquela soma  
Que o mesmo aconselhado não devia?  
Não é isto furto? Não é violência?  
Ah! pobre, ah! pobre povo, a quem governa  
Um bruto general, que ao céu não teme,  
Nem tem o menor pejo de lhe verem  
Tão indignas ações os outros homens!  
Há neste regimento um moço Adônis,  
Amores de uma escrava, cuja dona  
Depois de cativar a muitos peitos, . .  
Ao nosso herói atou, também, ao carro  
Dos seus cruéis triunfos. Cego nume!  
Qual é, qual é dos homens que não honra,  
Com puros sacrifícios, teus altares?  
Tu vences os pequenos, mais os grandes,

Tu vences os estultos, mais os sábios,  
Tu, vences, que inda é mais, as mesmas feras  
E, bem que cinja o grosso peito d'aço,  
Não pode resistir às tuas setas  
O duro coração do próprio Marte.  
Intenta este soldado que o ministro  
Lhe remate umas casas e consegue  
Um despacho do chefe, em que decreta  
Que nelas ninguém lance: coisa estranha  
Que, entendo, nunca viu nenhuma idade!  
O reto magistrado, que respeita,  
Mais que ao chefe, as leis do seu monarca,  
Ordena que o porteiro, incontinenti,  
As pertendidas casas meta a lanço.  
Honrado cidadão o preço cobre;  
O porteiro passeia pela rua,  
Repete, em alta voz, o lanço novo  
E prossegue a falar, assim dizendo:  
"Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três,  
Dou-lhe outra mais pequena, afronta faço,  
Se ninguém mais me oferece, arremato".  
Ao lanço do Brandúcio ninguém chega,  
Informado o juiz, ordena e manda  
Que o prédio se remate; então se chega  
O porteiro risonho ao licitante,  
E lhe diz "que lhe faça bom proveito"  
Ao mesmo tempo que lhe entrega o ramo.  
Parte logo o soldado e conta ao chefe  
O sucesso da praça. O bruto monstro,  
Julgando profanado o seu respeito,  
Manda lançar no pobre licitante  
Um pesado grilhão e manda pô-lo,  
Ajoujado com um despido negro,  
A trabalhar nas obras da cadeia.  
O preso injuriado desfalece  
E o chefe desumano desce à rua  
Para que possa, de mais perto, vê-lo.  
Sucede a um desmaio outro desmaio;  
O negro companheiro, então, lhe acode,  
Nos braços compassivos o sustenta;  
Porem o velho chefe, que deseja  
O vê-lo, ali, morrer, por um soldado  
Manda ao negro dizer que ao preso deixe  
E cuide em prosseguir no seu trabalho.  
Os mesmos desumanos, que rodeiam  
Tão bruto general, aqueles mesmos  
Que, alegres, executam seus mandados,  
Apenas escutaram tal preceito,  
Um pouco emudeceram e tiveram  
Os rostos tristes, muito tempo, baixos.  
Os outros, Doroteu, deram suspiros  
E, bem que forcejaram, não puderam  
Fazer que os olhos não se enchessem d'água.  
Eu creio, Doroteu, que tu já leste  
Que um César dos romanos pertendera  
Vestir, ao seu cavalo, a nobre toga  
Dos velhos senadores. Esta história  
Pode servir de fábula, que mostre  
Que muitos homens, mais que as feras brutos,  
Na verdade conseguem grandes honras!

Mas ah! prezado amigo, que ditosa  
Não fora a nossa Chile se, antes, visse  
Adornado um cavalo com insígnias  
De general supremo, do que ver-se  
Obrigada a dobrar os seus joelhos  
Na presença de um chefe, a quem os deuses  
Somente deram a figura de homem!  
Então, prezado amigo, o néscio povo  
Com fitas lhe enfeitara as negras clinas,  
Ornara a estrebaria com tapetes,  
Com formosas pinturas, ricos panos,  
Bordados reposteiros e cortinas;  
Um dos grandes da terra lhe levava  
Licor, para beber, em baldes d'ouro,  
Outro lhe dera o milho em ricas salvas;  
Mas sempre, Doroteu, aqueles néscios  
Que ao bruto respeitassem, poderiam  
Servi-lo acautelados e de sorte  
Que dar-lhes não pudesse um leve coice.  
Eis aqui, Doroteu, o que nos nega  
Uma heróica virtude. Um louco chefe  
O poder exercita do monarca  
E os súditos não devem nem fugir-lhe  
Nem tirar-lhe da mão a injusta espada.  
Mas, caro Doroteu, um chefe destes  
Só vem para castigo de pecados.  
Os deuses não carecem de mandarem  
Flagelos esquisitos; quasi sempre  
Nos punem com as coisas ordinárias.  
O mundo inda não viu senão um corpo  
Em branco sal mudado, e só no Egito  
Fez novas penas de Moisés a vara.  
Perguntarás agora que torpezas  
Comete a nossa Chile, que mereça  
Tão estranho flagelo? Não há homem  
Que viva isento de delitos graves,  
E, aonde se amontoam os viventes  
Em cidades ou vilas, ai crescem  
Os crimes e as desordens, aos milhares.  
Talvez prezado amigo, que nós, hoje,  
Sintamos os castigos dos insultos  
Que nossos pais fizeram; estes campos  
Estão cobertos de insepultos ossos  
De inumeráveis homens que mataram.  
Aqui ou europeus se divertiam  
Em andarem à caça dos gentios  
Como à caça das feras, pelos matos.  
Havia tal que dava, aos seus cachorros,  
Por diário sustento, humana carne,  
Querendo desculpar tão grave culpa  
Com dizer que os gentios, bem que tinham  
A nossa semelhança, enquanto aos corpos,  
Não eram como nós, enquanto às almas.  
Que muito, pois, que Deus levante o braco  
E puna os descendentes de uns tiranos  
Que, sem razão alguma e por capricho,  
Espalharam na terra tanto sangue.

## Carta 11ª

*Em que se contam as brejeirices de Fanfarrão.*

No meio desta terra há uma ponte,  
Em cujos dois extremos se levantam  
De dois grossos rendeiros as moradas;  
E, apenas, Doroteu, o sol declina  
A descansar de Tétis no regaço,  
Neste agradável sitio vão sentar-se  
Os principais marotos e, com eles,  
A brejeira família de palácio.  
Aqui, meu bom amigo, aqui se passam  
As horas em conversa deleitosa:  
Um conta que o ministro, à meia noite,  
Entrara no quintal de certa dama;  
Diz outro que se expôs uma criança  
A porta de Florício, e já lhe assina  
O pai e mais a mãe; aquele aumenta  
A bulha que Dirceu com Lauro teve  
Por ciúmes cruéis', da sua amásia;  
Este chama a Simplicio caloteiro  
E mofa, ao mesmo tempo, de Frondélio,  
Que o seu dinheiro guarda. Enfim, amigo,  
Aqui, aqui de tudo se murmura.  
Só se livra da língua venenosa  
O que contrata em vendas de despachos  
E quem se alegra ao ver que a sua moça  
Ajunta, pela prenda, um par de oitavas:  
Que os membros do congresso são prudentes  
E não querem que alguns dos companheiros  
Tomem esta conversa em ar de chasco.  
Amigo Doroteu, ah! neste sitio  
Eu não me dilatara um breve instante  
Em dia de trovões, bem que estivesse  
Plantado todo de loureiros machos!  
Por este sitio, pois, passei há pouco  
Cuidando que, por ser mui cedo ainda,  
Não toparia a corria dos marotos.  
Mas, apenas a vi, fiquei tremendo  
Qual fraco passageiro, quando avista,  
Em deserto lugar, pintadas onças.  
Contudo, Doroteu, criei esforço  
E fui atravessando pelo meio,  
Rezando sempre o credo e, por cautela,  
Fazendo muitas cruces sobre o peito.  
Apenas me salvei daquele risco,  
Um suspiro soltei, que encheu os ares,  
E, voltando o semblante para o sitio,  
Em que os tais mariolas se assentavam,  
Meneando a cabeça um par de vezes  
E soltando um sorriso, em ar de mofa,  
Dentro do meu discurso, assim lhes falo:  
"Vocês, meus mariolas, meus tratantes,  
Estão contando histórias das pessoas  
De quem não são afetos, por que as levem,  
Aos ouvidos do chefe, os seus lacaios;  
Pois eu também já vou contar verdades,  
Em que possam falar os homens sérios

Inda daqui a mais de um cento de anos.  
Recolhi-me à choupana e, de repente,  
Sem tirar a gravata do pescoço,  
Entrei a pôr em limpo esta cartinha,  
Que já, pelo caminho, vim compondo.  
Entendo, Doroteu, que as nossas almas  
Não são todas iguais; que o grande Jove  
Fez umas de matéria muito pura,  
Fez outras de matéria mais grosseira,  
Por não perder as borras que ficaram.  
Entendo, ainda mais, que o dispenseiro,  
Quando lhe vão pedir algumas almas,  
Vai dando aquelas que primeiro encontra.  
Por isto, às vezes, nascem os mochilas  
Com brios de fidalgos, outras vezes  
Os nobres com espíritos humildes,  
Só dignos de animarem vis Lacaios.  
O nosso Fanfarrão, prezado amigo,  
Vos dá mui boa prova: não se nega  
Que tenha ilustre sangue, mas não dizem,  
Com seu ilustre sangue, as suas obras.  
Apenas, Doroteu, a noite chega,  
Ninguém andar já pode, sem cautela,  
Nos sujos corredores de palácio,  
Uns batem com os peitos noutros peitos;  
Outros quebram as testas noutras testas;  
Qual leva um encontrão, que o vira em roda;  
E qual, por defender a cara, fura,  
Com os dedos que estende, incautos olhos.  
Aqui se quebra a porta e ninguém fala;  
Ali range a couceira e soa a chave;  
Este anda de mansinho, aquele corre;  
Um grita que o pisaram, outro inquire  
"Quem é?" a um vulto, que lhe não responde.  
Não temas, Doroteu, que não é nada,  
Não são ladrões que ofendam, são donzelas  
Que buscam aos devotos, que costumam  
Fazer, de quando em quando, a sua esmola.  
Chegam-se, enfim, as horas, em que o sono  
Estende, na cidade, as negras asas,  
Em cima dos viventes espremendo  
Viçosas dormideiras. Tudo fica  
Em profundo silêncio, só a casa,  
A casa aonde habita o grande chefe.  
Parece, Doroteu, que vem abaixo.  
Fingindo a moça que levanta a saia  
E voando na ponta dos dedinhos,  
Prega no machacaz, de quem mais gosta,  
A lasciva embigada, abrindo os braços;  
Então o machacaz, mexendo a bunda,  
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,  
Ou dando alguns estalos com os dedos,  
Seguindo das violas o compasso,  
Lhe diz "eu pago, eu pago" e, de repente,  
Sobre a torpe michela atira o salto.  
Ó dança venturosa! Tu entravas  
Nas humildes choupanas, onde as negras,  
Aonde as vis mulatas, apertando  
Por baixo do bandulho a larga cinta,  
Te honravam, c'os marotos e brejeiros,

Batendo sobre o chão o pé descalço.  
Agora já consegues ter entrada  
Nas casas mais honestas e palácios!  
Ah! tu, famoso chefe, dás exemplo.  
Tu já, tu já batucas, escondido  
Debaixo dos-teus tetos, com a moca  
Que furtou, ao senhor o teu Ribério!  
Tu também já batucas sobre a sala  
Da formosa comadre, quando o pede  
A borracha função do santo entrudo.  
Ah! que isto, sendo pouco, é muito!  
Que os exemplos dos chefes logo correm  
E corre muito mais, quando fomentam  
Aqueles vícios, a que os gênios puxam.  
O tempo, Doroteu, voando foge  
E nunca os de palácio imaginaram  
Que tão veloz fugia, como agora.  
Acaba-se a função, e chega o dia;  
vem abrir as janelas um criado,  
E o chefe lhe pergunta que algazarra  
Fizeram os mais servos toda a noite,  
Que o não deixou dormir um breve instante.  
O criado, que sabe que o bom chefe  
Só quer que lhe confessem a verdade,  
O sucesso lhe conta, desta sorte:  
“Fizemos esta noite um tal batuque!  
Na ceia todos nós nos alegrávamos,  
Entrou nele a mulher do teu lacaio;  
Um só, senhor, não houve que, lascivo,  
Com ela não brincasse; todos eles,  
De bêbedos que estavam, não puderam  
O intento conseguir; só eu, mais forte...”  
Apenas isto diz o vil criado,  
O chefe as costas vira e lhe responde,  
Soltando um grande riso: “fora, fracos!”  
Já disse, Doroteu, que as mocetonas  
Só entram em palácio quando estende  
A noite, sobre a terra, a negra capa;  
Que a formosa virtude da cautela  
Até parece bem, naquele mesmo  
A quem a profissão lhe não exige  
Que viva recatado, como vivem  
As moças, que inda querem ser donzelas.  
Agora, Doroteu, julgar já podes  
Que saem de palácio muito cedo.  
Assim é, Doroteu; as donzelinhas,  
Pela porta travessa, vão saindo,  
Mal tocam as garridas à primeira.  
Mas a bela Rosinha fica e dorme,  
Nos braços de Matúsio, a madrugada;  
Só sai de dia claro, e o grande chefe  
Lhe atira uma pedrinha da janela,  
Só para que lhe dê um ar de graça!  
Que grande estimação, Rosica bela!  
Aqui se mostra bem, que as outras mocas  
Não trazem, como trazes, lucro à casa.  
Não há, prezado amigo, quem não queira  
Mostrar-se liberal com sua dama.  
Para dar-lhe o vestido, mais a capa,  
O manto, a saia, a meia, a fita, o pente.

Tira o pobre de si e, destro, furta  
O peralta rapaz ao pai jarreta.  
Eu mesmo, Doroteu, que fui dos santos  
Que em Salamanca andaram, umas vezes  
Doenças afetava, outras fingia  
Necessitar de livros, ou de um traste,  
Para mandar de mimo a certo lente.  
Maldita sejas, tu harpia Olaia,  
Que, enquanto não abria a minha bolsa,  
Não mostravas, também, alegre, os dentes!  
Esta paixão, amigo, que nos vence,  
Nos próprios animais também se observa:  
Esgravatam os galos sobre a terra  
E, mal topam o grão ou a migalha,  
Contentes cacarejam, porque a moça  
Se vá utilizar do seu trabalho.  
O nosso ilustre chefe, que se julga  
De mui diversa massa do que somos,  
Neste ponto, também, também conhece  
Que está sujeito à miséria d'homem.  
Nas obras, doce amigo, da cadeia,  
Trabalham jornaleiros por salário.  
Aqueles que carregam cal e pedra,  
Só ganham, por semana, meia oitava;  
Aqueles que trabalham de canteiro,  
Ao menos ganham, cada dia, um quarto.  
Tem, pois, certa mocinha, quatro negros  
Que apenas são serventes, mas o chefe  
Ordena que, na fêria, se lhes pague  
A quarto os seus jornais, e creio, amigo,  
Que ainda não consente se descontem  
Os muitos dias que nas obras faltam.  
As casas onde mora esta madama  
Ainda não estavam acabadas;  
Agora já de longe a cal alveja,  
Quem entra dentro delas já recreia  
Os olhos nas pinturas das paredes  
E teto apainelado, a quem, um dia,  
Supria, Doroteu, a grossa esteira.  
Não quis o nosso herói chamasse a moça,  
Para mestre das obras, um pedreiro,  
Entregou o conserto ao grão-tenente,  
Que o fez baratinho, c'o massame  
Que pertencia às obras da cadeia.  
Entende Fanfarrão que não devia  
Deixar ao desamparo a sua dama;  
Que a lei da Igreja pede que amparemos  
As que, por nossa culpa, se perderam,  
E a lei da fidalguia, que professa  
O nosso chefe, manda que ele ampare  
As mesmas, que na fama já têm nota,  
Contanto que isto seja à custa alheia.  
Chama, pois, o bom chefe a um peralta,  
Que era cabo de esquadra, e lhe comete  
A glória de casar com uma dama  
Que, se não fez descer dos céus à terra  
Ao Supremo Tonante, fez, contudo,  
Humanizar um chefe, que descende  
Da mais distinta, mais soberba raça.  
Que súbita alegria banha o rosto

Deste inocente cabo! Nos seus olhos  
As lágrimas rebentam, e os seus beijos  
Formar não podem uma só palavra.  
A dita, Doroteu, é muito grande.  
Que fortuna não é casar um pobre  
Com a rica viúva de um fidalgo?  
Chamar ao fidalguinho, que ele deixa,  
Ou enteado ou filho? Aparentar-se  
Com todos os magnates desta terra  
Em grau tão conhecido e tão chegado?  
Esta grande ventura, doce amigo,  
Para todos não é. O negro demo  
A quadra para prêmio dos serviços  
Dos chefes principais dos seus bandalhos.  
Mas ah! prezado amigo, que o bom chefe  
Já manda aparelhar as magras bestas,  
Que têm de conduzir-lhe o pobre fato  
Que trouxe lá da corte, e se o casquilho  
Não chega a receber a cara esposa  
Primeiro que ele, no governo, morra,  
Bem pode ser. amigo, se arrependa  
E que, depois de ter cingido a banda  
E empunhado o bastão, lhe pregue o mono.  
Faltaram às promessas outros homens,  
Que, de honrados, nos deram muitas provas.  
Como faltar não pode ao seu ajuste  
Um fraco coração, uma alma indigna  
Que, por tão baixo preço, a honra vende?  
Cautela e mais cautela; sim, o chefe  
Não saberá mandar armadas tropas,  
Nem saberá reger as cultas gentes,  
Mas, para o não lograrem, sabe, astuto,  
Dar todas as cadimas providências.  
Escreve ao velho bispo e lhe suplica  
Que em todos os três banhos o dispense;  
Não expende razão que justa seja,  
Porem o velho bispo tem bom gênio  
E em todos os proclamas o dispensa;  
Que ele tem grandes letras e bem sabe  
Que os cânones da igreja não pensaram  
Da espécie singular de quando um chefe  
Quer, à pressa, casar a sua amásia.  
Ah! se ele estas desordens não fizera,  
Não daria motivo a ser cantado  
Por sábia, oculta musa, em um poema!  
Agora inquirirás, prezado amigo,  
Se é este sábio bispo aquele mesmo,  
Que o bruto Fanfarrão, em certo dia,  
Meteu na sua sege, ao lado esquerdo?  
É este, sim. senhor. o mesmo bispo,  
A quem o nosso chefe desalmado,  
Enquanto governou a nossa Chile,  
Já dentro de palácio e já na rua,  
Tratou como quem trata um vil podengo.  
De novo inquirirás: "Então um chefe,  
Que trata, dessa sorte, ao seu prelado,  
Atreve-se a pedir-lhe que lhe faça  
Dispensa em uma lei, a benefício  
Da sua torpe amásia?" Eu, doce amigo,  
Ainda duvidara, se pedira

Me desse absolvição dos meus pecados,  
Ao ver-me para dar, a Deus, minha alma.  
O mesmo, Doroteu, também fizeras;  
Mas tu, prezado amigo, não conheces  
O sistema que tem tão vil canalha.  
Uma mui grande parte destes chefes  
Assenta em procurar seu interesse  
Por todos os caminhos, e acredita  
Que o brio e pundonor, que nós prezamos,  
São umas vãs fantasmas, que só devem  
Honrar de simples voz aqueles homens,  
Que vêm de uma distinta e velha raza.  
Para estes a nobreza está nos termos  
Do sórdido monturo em que se deita  
Quanta imundície têm as velhas casas.  
Ditoso de quem vive, neste mundo,  
No estado de ver rir os outros homens  
Das suas vis ações, sem que lhe suba  
Um vermelho sinal de pejo à cara!  
Mas ah! meu doce amigo, quanto, quanto  
Se enganam estes monstros, que a nobreza  
É um vestido branco, aonde, logo,  
Aos olhos aparece a leve mancha!  
Já chega, Doroteu, o alegre dia.  
O dia venturoso do noivado.  
Entra, no santo templo, a linda esposa,  
Coberta toda de umas novas graças.  
Os seus louros cabelos não flutuam,  
Levados pelo vento, a toda parte;  
Em tranças se dividem e se prendem  
No pente, a quem esconde um branco laço;  
Nos cabelos da frente resplandecem  
Das pedras de mais custo, os fogos vários;  
A sua testa iguala à pura neve  
E são da cor da rosa as suas faces;  
São pérolas mimosas os seus dentes,  
As gengivas rubis e os grossos beiços  
Estão cobertos dos cheirosos cravos.  
Talvez, talvez não fosse tão formosa  
A mesma, que obrigou ao forte Aquiles  
A que, terno, vestisse a mole saia.  
Neste sagrado templo não se adora  
A imagem do Himeneu; aqui os noivos,  
Para prova da fé que, eterna, dura,  
Não recebem na mão acesa tocha.  
Ministro do senhor é quem os prende,  
Cobrindo as castas mãos, com que se enlaçam.  
Co,a branca ponta da pendente estola.  
Aqui lascivas graças, nus amores  
Não cercam os consortes, nem meneiam,  
Em torno dos altares e das piras,  
Os vistosos festões de lindas flores.  
Aqui, aqui só entram as virtudes,  
A cândida modéstia, a inocência,  
A santa honestidade e a vergonha.  
São estas e não outras as que correm  
A receber, à porta do edifício,  
Os sinceros amantes; sim, são estas,  
São estas e não outras, as que espalham,  
Debaixo dos seus pés, cheirosas folhas

E as que fazem queimar, sobre os braseiros,  
O incenso devoto e os mais aromas.  
Recebem estes gênios aos dois noivos  
E, ao ministro do altar, os apresentam.  
Ah! formosa Marília, agora, agora  
Se aumentam tuas graças, pois te aviva  
A cor da linda face um novo pejo!  
Com que custo não dás a mão nevada  
Ao teu amado Adônis, que a recebe  
Como quem lucra nela o seu tesouro!  
Já não veste Jelônio a grossa farda  
Com divisas de lã e, sobre a testa,  
Não põe a barretina, que enfeita  
Com armas e botões de grosso estanho.  
Já não cinge as correias amarelas,  
Nem carrega, na cinta, o peso enorme  
Dos férreos copos da comprida espada.  
Jelônio se mudou, Jelônio é outro.  
Já brilham, nos canhões, os alamares  
Das finas lentejoulas, e, nos ombros,  
Já brilham as dragonas, enfeitadas  
C'os grandes cachos das lustrosas flores.  
Jelônio se mudou, Jelônio é outro.  
A veste de cetim já resplandece  
Orlada co'o galão da fina prata,  
E, por cima da veste, já se enrola,  
Na cintura, a vermelha e rica banda.  
Jelônio se mudou, Jelônio é outro.  
Como está belo! Como está casquilho!  
Concerta do babado a fina renda,  
Olha uma e outra vez os alamares  
Endireita a cucula, estende a perna;  
Não consente um só fio sobre a farda;  
Levanta o pescocinho, morde os beiços,  
E o seu cabelo, com a mão, afaga.  
Jelônio se namora de si mesmo,  
Ainda, ainda mais que o terno Adônis,  
Quando viu o seu rosto dentro d'água.  
Jelônio se mudou, Jelônio é outro.  
Então, os militares que o rodeiam,  
Amado Doroteu, risonhos, mofam.  
Um pisa com o pé nos pés vizinhos;  
Puxa outro pelas pontas das fardetas  
Aos amigos chegados; este acena  
C'os olhos e cabeça aos companheiros  
Que lhe ficam defronte; aquele tapa,  
Fingindo que tem tosse, a alegre boca;  
Qual foge da presença... mas que vejo!  
Tu, Doroteu, carregas sobre os olhos  
As grossas sobrancelhas? Tu enrugas  
A testa levantada? Tu inflamas  
As faces já desfeitas e suspiras?  
Acaso tu presumes que eu murmuro  
Do fato de casar o nosso chefe  
A sua terna amásia? Não, amigo,  
Eu conheço, também, aonde chegam  
Os deveres de quem nasceu fidalgo:  
Obrou o nosso chefe o que eu faria.  
Murmuro, Doroteu, mas é do dote;  
Do dote, sim, do dote. Dize, a banda,

O castão de coquilho, as mais insígnias,  
São dotes que se dêem a um soldado,  
Porque serviu ao chefe, em receber-lhe,  
Sem vergonha do mundo, a sua amiga?  
Não achas insolência e desaforo  
Ver os porta-bandeiras, os cadetes,  
E os furriéis já velhos, preteridos  
Só para-premiar-se com o posto,  
Que por lei lhes pertence, um torpe crime?  
São estes, Doroteu, os grandes cabos,  
De quem a triste pátria fiar deve  
A sua salvação? São estes? Dize...  
Agora já te calas. Pois não tornes  
A mostrar-me, outra vez, o gesto irado,  
Que um dia hei-de enfadar-me e, se me enfadas,  
Ainda que me pecas de joelhos,  
Não hás-de receber da minha pena,  
Em verso ou prosa, mais uma só carta.

### Carta 12<sup>a</sup>

Aquele que se jacta de fidalgo  
Não cessa de contar progenitores  
Da raça dos suevos, mais dos godos;  
O valente soldado gasta o dia  
Em falar das batalhas, e nos mostra  
Das feridas, que preza, cheio o corpo;  
O louco namorado não descansa  
Enquanto tem quem ouça as aventuras,  
Que fez com as madamas, mais senhoras,  
Benzendo-se mil vezes, quando chega  
Aos lances apertados de ser visto  
Dos maridos, dos pais e dos parentes,  
Em que, só por milagre, não foi morto.  
Assim, assim, também, o teu Critilo  
Não cansa de escrever-te, enquanto encontra  
Do tolo Fanfarrão, do indigno chefe,  
Estranhas bandalhices, que te conte.  
Ah! sofre, amigo, que te gaste o tempo,  
Pois conter-se não pode, bem que queria,  
Que a força da paixão assopra a chama,  
A chama ativa do picante gênio.  
Já sabes, Doroteu, aonde chega  
Do nosso Fanfarrão a bizzarria,  
Em premiar serviços de uma dama.  
Agora, nesta carta, vou mostrar-te  
Até aonde chegam as grandezas  
Que fez com os marotos, por que tenhas,  
Do seu fidalgo gênio, noção clara.  
Qual negra tempestade, que carrega  
As nuvens de cupins e de formigas,  
Que criam, com as chuvas, longas asas,  
Assim o nosso chefe traz consigo,  
Arribação infame de bandalhos,  
Que geram, também, asas, com a muita,  
Nociva audácia que lhes dá seu amo.  
Na corja dos marotos aparece

Um magriço mulato, a quem o chefe,  
Por ocultas razões estima e preza.  
Talvez que, noutro tempo, lhe levasse  
Os miúdos papéis às suas damas.  
Ocupação distinta, que já teve  
Um famoso Mercúrio, que comia  
Sentado à mesa dos mais altos deuses.  
Deseja o nosso chefe que este lucre  
Quatrocentas oitavas, pelo menos,  
E, para que não saiam de seu bolso,  
Descobre esta feliz e nova idéia:  
Dispõe dos bens alheios como próprios.  
No público teatro de Lupésio  
Ordena, Doroteu, se represente  
Uma vista comédia, por que fiquem,  
Para o velho mulato, os lucros dela.  
Ordena, ainda mais, que o seu Robério  
Os boletos reparta pelas damas,  
Pelos contratadores opulentos  
E por quantos casquilhos os quiserem  
Pagar, ao menos, por dobrado preço.  
Robério assim o faz; supõe, coitado,  
Que prometeu pedir alguma missa.  
E, junto c'o mulato, vai entrando  
Em uma e outra casa, aonde deixa  
Ou selado papel, para a platéia,  
Ou, com tábua pendente, a velha chave.  
Ah! nota, Doroteu, que ação tão feia!  
Aquele bruto chefe que não paga,  
As pessoas mais nobres, o cortejo  
Sequer por um criado, agora manda  
Que o seu próprio Robério, o seu bom aio.  
Ande de porta em porta, qual mendigo,  
Pedindo para um bode a benta esmola!  
Então, amigo, a quem? a quem? aos mesmos  
Que tem desfeitoado muitas vezes  
E às pobres, que é mais, às pobres moças  
Que hão-de ganhar, à custa de seu corpo,  
Com que possam pagar deste convite  
Um tão avantajado, indigno preço.  
Maldito sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este leso!  
Chegou-se, Doroteu, a noite alegre  
Destinada à função, e o vil Robério  
Dá nova prova de fervor e zelo:  
Vai-se pôr, com o traste do mulato,  
Na porta da platéia, e, quando acaba  
A primeira jornada, também corre  
Os cheios camarotes: fina idéia!  
Para ver se os tolinhos, assim, largam,  
Na copa do chapéu, que a esmola apanha,  
Embrulhos de mais peso ! Ah ! doce amigo,  
Quem bandalho nasceu, ainda que suba  
Ao posto de maior, morreu bandalho,  
Que o tronco, se dá fruto azedo, ou doce,  
Procede da semente e qualidade  
Da negra terra, em que foi gerado.  
Servia-se este chefe de um lacaio,  
E, por não lhe pagar salário certo,  
Deu neste arдил, também: quando ia às festas

Lhe dava o seu brandão, e as mais pessoas,  
Que estavam na tribuna, por obséquio,  
Lhe davam as compridas, grossas velas.  
Se dava algum despacho, de que vinha  
Proveito à parte rica, lho entregava,  
Por que fosse ganhar o grande prêmio  
Com que os néscios, servidos, o brindavam.  
Nas vésperas, amigo, da partida,  
Tratou de lhe fazer maior a safra:  
Passou atestações a todo mundo  
E, sem saber se o mundo lh'as queria,  
Mandou ao mesmo servo as entregasse  
E os prêmios do trabalho recolhesse!  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este lesão!  
Havia, Doroteu... mas não gastemos  
O tempo em referir mais bandalhices  
Da mesma natureza; refiramos  
Outras, que sejam de diversa classe.  
Não quero, Doroteu, que o justo tédio,  
Que infunde a semelhança, te duplique  
O tédio, que produz a minha frase.  
Fizeram os devotos de uma imagem,  
Da festa protetor, ao grande chefe.  
Aceita o Fanfarrão do cargo a honra  
E medita fazer um grão festejo.  
Ordena aos cavalheiros, que vieram  
Correr as argolinhas, em obséquio  
Do ditoso consórcio dos infantes,  
Que esperam, nesta terra, à sua custa,  
E que, nos dias da função, repitam  
Os feitos jogos, com o mesmo lustre.  
Manda que o grande curro, que o Senado  
Fez levantar, na praia, permaneça,  
E venham os boizinhos, que, por serem  
Mais bravos do que os outros, se guardaram,  
Mal rapavam o chão e mal corriam,  
Atrás do mau capinha, no terreiro.  
Eis aqui, eis aqui, amigo, o como  
Se fazem coisas grandes, sem despesa.  
Manda mais o bom chefe que se aluguem  
Os palanques a quatro oitavas d'ouro,  
Para que se comprasse um patrimônio,  
A sacrossanta imagem, deste lucro.  
Que sábias intenções, que fins tão santos!  
Celebram-se os festins e não escapa  
Um camarote só, que não se alugue;  
Mas deste rendimento não se sabe,  
Que a compra se meteu, de todo, à bulha.  
Não penses, Doroteu, que o nosso chefe  
Comeu este dinheiro. Longe, longe  
De nós este tão baixo pensamento.  
Indo já no caminho, o seu Matúcio  
Passou, sobre Marquêsio, certa letra.  
Para que se pagasse ao Santo Cristo.  
Agora considera se este fato  
Não mostra que ele zela a consciência.  
Agora inquirirás se o tal Marquêsio  
Pôs na sacada letra o seu "aceito".  
Não pôs, não pôs, amigo, porque disse

Que deste passador não tinha efeitos.  
Porem o bom Matúcio, mais seu amo,  
Levam as consciências descansadas,  
Pois não devem supor, pelo costume,  
Que a letra não pagasse o mau rendeiro.  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este leso!  
Roubou um seu criado a certa escrava  
E dentro lha meteu, do seu palácio.  
Conheceu o senhor quem fez o furto,  
E foi pedir ao chefe que mandasse  
Que o terno roubador restituísse  
A serva, com os lucros! pois cedia  
De toda a mais ação, que a lei lhe dava.  
Que entendes, Doroteu, que obrou o chefe?  
Que fez um sério exame sobre o caso?  
Que, conhecendo ser a queixa justa,  
Meteu, em duros ferros, ao criado?  
Que não lhe perdoou, enquanto o mesmo  
Ofendido queixoso não lhe veio  
Suplicar o perdão da culpa grave?  
Devias esperar que assim fizesse,  
Mas, quando a razão pede certa coisa,  
Ele, então, executa o seu contrário.  
Não zela, Doroteu, a sã justiça,  
Nem zela a honra própria, maculada  
Na sua habitação, que o servo muda  
Em torpe lupanário. Não, não zela;  
Antes, prezado amigo, austero, estranha  
Ao mísero queixoso, que se atreva  
A supor que os seus servos são capazes  
De poderem obrar excessos destes.  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este leso.  
Passados alguns tempos, Ludovino  
Encontrou, uma noite, a sua escrava  
E à casa conduziu do bom Saônio,  
Aonde, em hospedagem, se abrigava.  
Aqui lhe perguntou a longa história  
Da fugida que fez, e a triste serva,  
Com animo sincero, assim lhe fala:  
"Ribério me induziu a que fugisse,  
Meteu-me no seu quarto, aonde estive,  
Fechada, muitos dias. Alugou-me,  
Depois, uma casinha; aqui me dava,  
Dos sobejos da mesa de seu amo,  
Para eu alimentar a pobre vida.  
Tive dele dois filhos; o demônio  
Enganou-me, senhor, cuidei... "E, nisto,  
Queria mais dizer, porem, de pejo,  
As lágrimas lhe estalam, e se cortam  
As últimas palavras, com suspiros.  
Agora dirás tu, amigo honrado:  
"Agora, agora sim, agora é tempo,  
Insolente Ribério, de nós vermos,  
Para exemplo dos mais, o teu castigo.  
Os soldados já marcham, já te prendem,  
Já vens maniatado, já te metem  
Na sórdida enxovia, já te encaixam,  
No pescoço, a corrente, e vais marchando

Com rosto baixo, a ver Angola ou Índia.”  
Devagar, devagar com essas coisas:  
Os servos de palácio são os duques  
Do nosso Santiago, e não se prendem  
Por essas, nem por outras ninharias.  
Atrevidos soldados já se aprontam,  
Mas não para prenderem a Ribério,  
Sim para conduzirem, entre as armas,  
Ao pobre Ludovino e à sua serva,  
Que já buscando vão à sua casa,  
Que dista desta terra muitas léguas.  
É o mesmo Ribério quem  
A fazer, Doroteu, a diligência,  
Cobrindo a testa da insolente esquadra.  
Já viste, Doroteu, insultos destes?  
Já viste que pertenda um homem sério  
Que, à força, um bom senhor de si demita  
A escrava desonesta, porque possa  
Ficar na mancebia? Já, já viste  
Que se mande prender ao ultrajado  
Pelo mesmo ladrão? Ah! caro amigo  
Que, destas insolências que te conto,  
Apenas pode ver quem mora em Chile!  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este leso!  
Há, nesta grande terra, um homem sábio  
E o único formado em medicina.  
A este bom doutor estimam todos,  
Por sua profissão, por seus talentos,  
Por seu afável modo e, mais que tudo,  
Pelas muitas virtudes que respira.  
Curava o nosso sábio a certo enfermo  
E, vendo a vária febre e os mais sintomas,  
Ordena que ele tome um copo d’água  
A que dá de Inglaterra o povo o nome.  
Manda-lhe o boticário uma botelha,  
Que já servido tinha; o sábio, atento  
A que ela poderia ter perdido  
A força natural, a não aprova  
E passa a receitar outro composto,  
Que possa produzir o mesmo efeito.  
Chorando, o boticário sobe ao chefe  
E diz-lhe que o doutor a rejeitara.  
Por ser seu inimigo e, desta sorte,  
Tirar-lhe, da botica, o bom conceito.  
Manda o chefe chamar aos boticários  
E manda que examinem a garrafa;  
Concordam os doutores que não tinha.  
Ainda, corrupção, talvez por verem  
Que ainda conservava algum amargo.  
Então, então o chefe, enfurecido,  
Ordena ao ajudante que, ali mesmo,  
Avise ao professor que ele tem ferros,  
Cadeias e galés, com que reprima,  
Se neles prosseguir, os seus excessos.  
Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este leso!  
Pensavas, Doroteu, que o nosso chefe  
Passasse à insolência, que refiro,  
De insultar, por amor de um vil mulato,

Um velho professor tão bem aceito,  
Um velho professor, além de sábio,  
Na terra singular, no seu ofício?  
Não, meu prezado amigo, não pensavas;  
Pois quero, Doroteu, dizer-te a causa:  
Esta grave ameaça e grave insulto  
Foi feita em tom de paga, porque o bode  
Curava, cuidadoso, ao próprio chefe,  
De mal oculto, que a modéstia cala.  
Maldita seja tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este leso!  
Ah! dize, Doroteu, por que motivo  
O pai de Fanfarrão o não pôs antes  
Na loja de algum hábil sapateiro,  
C'os moços aprendizes deste ofício?  
Agora dirás tu: "Nasceu fidalgo  
E as grandes personagens não se ocupam  
Em baixos exercícios." Nada dizes.  
Tonante, Doroteu, é pai dos deuses:  
Nasceu-lhe o seu Vulcano e nasceu feio.  
Mal o bom pai o viu, pregou-lhe um coice  
Que o pôs do Olimpo fora, e o pobre moço  
Foi abrir uma tenda de ferreiro.

### Carta 13ª

.....  
.....  
.....  
.....

Ainda, caro amigo, ainda existem  
Os vestígios dos templos suntuosos  
Que a mão religiosa do bom Numa  
Ergueu o Marte e levantou a Jano.  
Ainda, ainda lemos que elegera,  
Para estas divindades, sacerdotes,  
E que muitas donzelas consagrara,  
Afim de conservar-se, aceso, o fogo,  
Em o templo de Vesta, sobre as aras.  
Também, também sabemos que este sábio,  
Para ter mais conceitos entre o seu povo,  
Fingiu que a ninfa Egéria, sendo noite,  
Vinha falar com ele, e que, benigna,  
A forma do goveno lhe inspirava.  
O mesmo fez Sertório, que dizia  
Que nada executa, que não fosse  
Ensinado por uma branca cerva,  
Que, a deusa caçadora lhe mandara.  
Mafoma, o vil Mafoma, astuto segue  
Também este sistema: ao seu ouvido  
Acostuma a chegar-se a mansa pomba.  
A nação, ignorante, se convence  
De que este seu profeta conhecia  
Os segredos do céu, por este meio.  
Não há, meu Doroteu, não há um chefe,  
Bem que perverso seja, que não finja,

Pela religião, um justo zelo,  
E, quando não o faça por virtude,  
Sempre, ao menos, o mostra por sistema.

### Epístola a Critilo

Qual seja o original. Dentro em minha alma  
Vejo, ó Critilo, do chileno chefe,  
Tão bem pintada a história nos teus versos,  
Que não sei decidir qual seja a cópia,  
Qual seja o original. Dentro em minha alma  
Que diversas paixões, que afetos vários  
A um tempo se suscitam! Gelo e tremo,  
Umás vezes de horror, de mágoa e susto;  
Outras vezes do riso apenas posso  
Resistir aos impulsos. Igualmente  
Me sinto vacilar entre os combates  
Da raiva e do prazer. Mas ah! que disse!  
Eu retrato a expressão, nem me subscrevo  
Ao sufrágio daquele, que assim pensa,  
Alheio da razão, que me surpreende.  
Trata-se aqui da humanidade aflita;  
Exige a natureza os seus deveres.  
Nem da mofa ou do riso pode a idéia  
Jamais nutrir-se, enquanto aos olhos nossos  
Se propõe do teu chefe a infame história.  
Quem me dirá que da estultice as obras  
Infestas à virtude e dirigidas  
A despertar o escândalo conseguem,  
No prudente varão, mover o riso?  
Eu veio que um Calígula se empenha  
Em fazer que de Roma ao Consulado,  
Se jure o seu cavalo por colega.  
Vejo que os cidadãos e as tropas arma  
O filho de Agripina, que os transporta  
Em grossos vasos sobre o Tibre e logo  
Por inimigos lhes assina os matos,  
Que atacar manda com guerreiro estrondo.  
Direi que me recreia esta loucura?  
Que devo rir-me e sufocar o pranto  
Que pula dos meus olhos? Não, Critilo,  
Não é esta a moção que n'alma provo.  
Por entre estes delírios, insensível,  
Me conduz a razão, brilhante e sábia,  
A gemer igualmente na desgraça  
Dos míseros vassalos, que honrar devem,  
De um tirano o poder, o trono, o cetro.  
Se Talia e Melpômene nos pintam,  
Nos seus teatros, paixões humanas,  
Ao ridículo gesto, ou ao semblante  
Da cena que o coturno me apresenta,  
Eu me conformo ao interesse, quando  
Aborreço a maldade e quando rendo  
À formosa virtude os dignos votos.  
Despedace Medéia os caros filhos,  
Guise Atreu de seus netos as entranhas,  
Eu terei sempre horror às impiedades.

Jamais da irreligião, da fé mentida  
Me hão-de enganar os pérfidos rebuços  
Ou da fingida cena os vãos adornos.  
Devo pois confessar, Critilo amado,  
Que teus escritos, de uma idade a outra  
Passarão, sempre de esplendor cingidos:  
Que a humanidade, enfim desagravada  
Das injúrias que sofre, por teu braços,  
Os ferros soltará, que desafrouxa,  
Tintos do fresco, gotejado sangue.  
Súditos infelices, que provastes  
Os estragos da bárbara desordem,  
Respirai, respirai: ao benefício  
Deveis do bom Critilo a paz suave,  
Que a vossa liberdade alegre goza,  
Sim, Critilo, são estes os agouros  
Que, lendo a tua história, ao mundo faço.  
De pejo e de vergonha os bons monarcas,  
Que pias intenções sempre alimentam,  
De reger como filhos os seus povos,  
Tocados se verão. Prudentes, sábios,  
Consultarão primeiro sobre a escolha  
Daqueles chefes, que a remotos climas  
Determinam mandar, deles fiando  
A importante porção do seu governo.  
Prevenidos que a vã, brutal soberba  
Só nas obras influi destes monstros,  
Pelo escrutínio da virtude espero,  
Que regulados os seus votos sejam.  
De uma estéril mortal genealogia  
Que o mérito produz de seus maiores,  
Eles, amigo, argumentar não devem  
Propalados talentos. A virtude  
Nem sempre aos netos, por herança, desce.  
Pode o pai ser piedoso, sábio e justo,  
Manso, afável, pacífico e prudente:  
Não se segue daí que um ímpio filho,  
Perverso, infame, díscolo e malvado,  
Não desordene de seus pais a glória.  
Nem sempre as águias de outras águias nascem,  
Nem sempre de leões, leões se geram,  
Quantas vezes as pombas e os cordeiros  
São partos dos leões, das águias partos!  
Para reger, ó rei, os vossos povos,  
Debalde ides buscar brasões e escudos  
Entre os vossos dinastas. Roma, Roma  
As fascas, as secures, mais as outras  
Imperiais insígnias só tirava  
Da provada virtude. Se das togas  
Distinguia uma e outra espécie, Atenas  
! quem a todas o caráter dava.  
Igualmente civil jurisconsulto  
Que instruído guerreiro, era mandado  
Um cidadão que da província as rédeas  
Manejasse fiel. Daqui os Fábios,  
Daqui os Cipiões e os bons Emílios,  
Os Césares daqui, que os fastos ornam.  
Quão diferentes, hoje, os nossos grandes!  
É filho do marquês, do conde é filho,  
Vá das Índias reger vasto império.

() Deus! e que infelices os vassallos  
Que tão longe do trono prostitui  
O vosso império aos abortivos chefes!  
Lá vai aquele, que de avara sede  
E por gênio arrastado: que tesouros  
Não espera ajustar! Do alheio cofre  
Se há-de esgotar a aferrolhada soma.  
Desgraçada Justiça! Da igualdade  
Tu não sabes o ponto: é a balança  
Do interesse que só por ti decide.  
Que despachos injustos, que dispensas.  
Que mercês e que postos não se compram  
Ao grave peso de selada firma!  
Outro vai que, lascivo, e desenvolto  
Só da carne as paixões adora e segue.  
Honras, decoros, vós sereis despojos  
Do seu bruto apetite. Em vão, cansados  
Pais de família, zelareis vós outros  
Da vossa casa o pundonor herdado.  
Aos vis ataques do atrevido orgulho  
Hão-de ceder as prevenções mais fortes;  
Vítimas da voraz sensualidade  
Vossas filhas serão, vossas mulheres.  
Que direi do soberbo, do vaidoso,  
Do colérico e de outros vários monstros,  
Que freio algum não conhecendo, passam  
A sustentar no autorizado cargo  
Tudo quanto a paixão lhes dita e manda!  
Não sofre aquele, que o vassallo oculte  
os cabedais que à sua indústria deve  
E que a seus filhos e a seus netos, possa  
Deixar, morrendo, uma opulenta herança.  
Um falso crime lhe figura, aonde  
Esgote as forças, que levar procura  
Alem das frias, apagadas cinzas.  
Este medita que a nobreza illustre  
Sufocada se veja. A prisão dura,  
O distante degredo é que promete  
Da prevista vingança o fim prescrito.  
Ó senhores! ó reis! ó grandes! quanto  
São para nós as vossas leis inúteis!  
Mandais de balde, sem julgada culpa,  
Que o vosso chefe, a arbitrio seu, não possa  
Exterminar os réus, punir os ímpios.  
É c'os ministros de menor esfera  
Que falam vossas leis. Nos chefes vossos  
Somente o despotismo impera e reina.  
Gozar da sombra do copado tronco  
É só livre ao que perto tem o abrigo  
Dos seus ramos frondosos. Se se aparta  
Da clara fonte o passageiro, prova  
Turbadas águas em maior distancia.  
Mas ah! Critilo meu, que eu estou vendo,  
Que já chegam a ler as cartas tuas:  
Estes bárbaros monstros são cobertos  
De vivo pejo, ao ver os seus delitos,  
Que em tão disforme vulto, hoje aparecem.  
Destro pintor, em um só quadro a muitos  
Soubeste descrever. Sim, que o teu chefe  
As maldades de todos compreende.

Aqui vê-se o soberbo, que pensando  
Do resto dos mais homens nada serem,  
Mais que humildes insetos, só de fúrias  
Nutre o vil coração e a seus pés calca  
A pobre humanidade. Aqui se encontra  
O ímpio, o libertino, que ultrajando  
Tudo que é sagrado, tem por timbre  
Ao público mostrar, que o santo culto  
Que nos intima a religião, somente  
Aos pequenos obriga, e que por arte  
Os conserva a ilusão no fanatismo,  
Porque da obediência às leis se dobrem;  
Aqui se acha o lascivo; é o vaidoso,  
! o estúpido, enfim é o demente  
O que ao vivo aparece nesta empresa.  
Tu, severo Catão, tu repreendes  
Com teu mudo semblante a pátria Roma.  
Nem seus teatros de lascívia cheios  
Sofrem teus olhos nobremente irados.  
Pede o congresso, de terror ferido,  
Que o rígido censor o circo deixe  
Ou que se não produza a torpe cena.  
Este, ó Critilo, o precioso efeito  
Dos teus versos será, como em espelho,  
Que as cores toma e que reflete a imagem,  
Os ímpios chefes de uma igual conduta  
A ele se verão, sendo argüidos  
Pela face brilhante da virtude,  
Que, nos defeitos de um, castiga a tantos.  
Lições prudentes, de um discreto aviso,  
No mesmo horror do crime, que os infama,  
Teus escritos lhes dêem. Sobrada usura  
É este o prêmio das fadigas tuas.  
Eles dirão, voltando-se a Critilo:  
Quando devemos, ó censor fecundo,  
Ao castigado metro, com que afeias  
Nossos delitos, e buscar nos fazes  
Da cândida virtude a sã doutrina!

**FIM**